



Ana Margarida Ribeiro Nunes Sá Pombo

# DISCURSO TELEVISIVO EM SAÚDE

## IMPACTO DAS EPIDEMIAS NA OPINIÃO PÚBLICA

Relatório de Estágio do Mestrado em Comunicação e Jornalismo, orientado pelo

Doutor Sílvio Santos, apresentado ao Departamento de Filosofia,

Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

# DISCURSO TELEVISIVO EM SAÚDE

## IMPACTO DAS EPIDEMIAS NA OPINIÃO PÚBLICA

Ana Margarida Ribeiro Nunes Sá Pombo

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	Discurso Televisivo Em Saúde
Subtítulo	Impacto Das Epidemias Na Opinião Pública
Autor/a	Ana Margarida Ribeiro Nunes Sá Pombo
Orientador	Sílvio Santos
Júri	Presidente: Doutor Carlos Camponez
	Vogais:
	1. Doutora Ana Teresa Peixinho
	2. Doutor Sílvio Santos
Identificação do Curso	2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo
Área científica	Jornalismo
Data	2015
Classificação	14 valores



Dedico este trabalho aos meus pais, por todo o seu sacrifício e me incentivarem a ser sempre mais e melhor.

## AGRADECIMENTOS

*“Ao olhar para trás, recordamo-nos dos inteligentes, dos engenhosos, do que é espetacular mas, acima de tudo, lembramo-nos dos que foram amáveis”*

Pamela Dugdale

Ao professor Carlos Camponez, já que sem os contactos estabelecidos, o estágio na RTP não teria sido possível. Ao meu orientador da Faculdade de Letras, professor Sílvio Santos, por todo o seu apoio durante o estágio e na elaboração deste trabalho.

Ao meu orientador da RTP, Manuel Fernandes Silva, sempre disponível para visualizar as minhas reportagens e me dar dicas para melhorar. À jornalista Sandra Sá Couto, que esteve sempre atenta desde o início do meu estágio.

À jornalista Joana Martins pela constante ajuda e inúmeras saídas em reportagem. Ao jornalista Paulo Jerónimo por todas as dicas diárias. Às jornalistas Ana Felício, Paula Martinho da Silva, Cristiana Freitas e Liliana Abreu Guimarães pelo constante carinho, atenção e sempre disponibilidade em me responderem a dúvidas. Aos jornalistas André de Castro Ribeiro, Pedro Pinto, Filipe Pinto, Hélder Marques Sousa, Carlos Daniel e Daniel Catalão por todos os conselhos.

Aos repórteres de imagem pelas palavras de motivação e excelente apoio durante as saídas em reportagem: Pedro Rodrigues, Pedro Rothes, Luís Flores, João Oliveira, Pedro Pena, Rui Castro, Paulo Gomes e especialmente ao repórter Jorge Vieira pelo constante sentido de humor. Aos editores de imagem Rui Magalhães, Miguel Cervan, Marcelo Sá Carvalho, José Luís Carvalho e Manuel Oliveira por todo o apoio, conselhos e paciência. E a todos os não mencionados, um agradecimento pelo seu trabalho fantástico e apoio em todos os momentos.

Aos estagiários profissionais Emanuel Boavista, Daniela Fernandes, Alexandra Alves e Ana Barros por toda a camaradagem, momentos de descontração e, sobretudo, pela amizade.

Aos meus pais, sempre presentes e que ajudaram a manter-me de pé, em momentos de desânimo e incerteza. São, sem dúvida, os meus maiores pilares.

Aos meus avós que continuam a lutar do meu lado, incondicionalmente. À minha avó por ser a minha maior conselheira desde que me lembro e ao meu avô pela preocupação constante.

À Joana, minha melhor amiga, por ser sempre o meu porto seguro. E a todos os amigos que tiveram uma palavra motivadora ao longo do mestrado, que lutaram em conjunto comigo, incentivando-me a continuar sempre que necessário.

Às colegas, Teresa e Inês, pelos momentos partilhados durante os dois anos de mestrado.

À Sílvia, companheira de casa em Vila Nova de Gaia, que tantas vezes escutou os meus desabafos.

Por fim, obrigada Porto, maravilhosa e inesquecível cidade invicta, que me conquistou desde o primeiro dia.

“O homem quotidiano não gosta de demorar.

Pelo contrário, tudo o apressa.

Ao mesmo tempo, porém, nada lhe interessa além de si mesmo,  
principalmente aquilo que poderia ser”.

Albert Camus

## RESUMO

Este relatório de estágio debruça-se sobre a experiência de estágio na redação da RTP, Rádio e Televisão Portuguesa, localizada em Vila Nova de Gaia. Este trabalho propõe, adicionalmente, uma reflexão teórica acerca da saúde e dos *media* televisivos, partindo dos casos mais mediáticos durante o período de realização do estágio: a epidemia do ébola e a doença do legionário.

Partindo da experiência do estágio, neste trabalho são abordadas as rotinas produtivas, os constrangimentos, as técnicas jornalísticas, assim como as reportagens efetuadas. É também proposta uma reflexão crítica acerca das aprendizagens e da relação com o curso.

No que respeita ao estudo de caso sobre a saúde e os *media*, é analisada a construção noticiosa das epidemias como forma de espetáculo noticioso para captação de audiências. Além disso, esta temática é comparada com a abordagem habitualmente proposta acerca do cancro da mama, que é abordado pelos *media* de uma forma mais pedagógica, e não tão eufórica, como no caso das epidemias. Toda esta construção cria um impacto decisivo nos padrões mentais dos telespetadores, que está relacionado com o nível de literacia dos indivíduos. Esta reflexão resulta de uma observação detalhada no local de estágio, e foca-se particularmente na enorme atenção que o Jornal da Tarde da RTP deu às epidemias, com destaque para notícias de abertura do noticiário.

Este relatório aponta, como notas conclusivas, para o facto de o jornalismo televisivo ser um trabalho rotineiro, com técnicas muito vincadas e ainda para a luta que na RTP se trava diariamente por informação de qualidade. Além disso, verifica-se a enorme importância que a televisão exerce na sociedade, conseguindo construir valores e ideais próprios, principalmente no que respeita a assuntos sobre saúde.

**Palavras-Chave:** televisão, discurso, epidemias, saúde, jornalismo



## ABSTRACT

This traineeship report pores over the traineeship experience at RTP's (Portuguese Radio and Television) newsroom situated in Vila Nova de Gaia. This work additionally proposes a theoretical consideration about health and television media, starting from the cases most in public eye during the traineeship period: ebola's epidemic and legionary's disease.

Starting from the traineeship experience, the productive routines, the constraints, the press coverage techniques are dealt with in this work, as well as the journalistic reporting performed. It is also proposed a critical opinion about the apprenticeship in relation to the course.

Regarding the study case about health and the media, the informative structure about the epidemics is analyzed, as a way of an informative show to attract TV ratings. What's more, this matter is compared with the approach usually proposed about the breast cancer, which is dealt with in a more pedagogical way by the media, not so euphoric as the epidemics cases. All this structure creates a decisive impact on TV viewers' mental patterns, which is related with the individuals' literacy level. This observation is the result of a detailed examination at the traineeship site, and it is particularly concentrated about the enormous awareness that the RTP's afternoon Newscast gave to the epidemics, highlighting them as news for the Newscast opening.

This report points out, as conclusive annotations, to the fact that the TV journalism is a routine work, with very sound techniques and, in addition, for the daily struggle that is taken at RTP for quality information. Furthermore, it is obvious the enormous power that television has over the society, succeeding in putting together values and self-ideals, mainly concerning health matters.

**Keywords:** television, speech, epidemics, health, journalism

## ÍNDICE

Introdução .....	1
1. O Estágio .....	5
1.1. A RTP: O serviço público de televisão .....	6
1.1.2. O Centro de Produção do Norte .....	9
1.2. As rotinas produtivas .....	11
1.3. As técnicas jornalísticas.....	15
1.4. As reportagens do Jornal da Tarde .....	17
1.5. Os diretos.....	24
1.6. A manipulação das fontes.....	27
1.7. Apresentação do Jornal em estúdio .....	29
1.8. A importância da formação académica: análise reflexiva .....	31
2. Saúde e informação televisiva .....	33
2.1. Ébola.....	36
2.2. Doença do legionário.....	38
2.3. Epidemia como forma de espetáculo noticioso .....	40
2.4. O impacto no telespectador .....	44
2.5. Gestão dos <i>media</i> na situação de crise.....	46
2.6. Estudo de caso .....	50
2.7. Comparação entre abordagens de saúde .....	58
2.8. A literacia e a manipulação dos <i>media</i> .....	61
Considerações finais .....	64
Referências bibliográficas .....	68
Anexos.....	73
Anexo 1: Jornal Final (DVD 1) .....	74
Anexo 1.1: Pedro Passos Coelho.....	74
Anexo 1.2: Dia de luta contra o cancro da mama.....	75
Anexo 1.3: Portugal Fashion .....	77
Anexo 1.4: Jantar solidário.....	78

Anexo 1.5: Fim do chocolate.....	79
Anexo 2: Notícias RTP (DVD 2) .....	80
Anexo 2.1: Jordi Saval .....	80
Anexo 2.2: Tecidos inteligentes .....	81
Anexo 2.3: Jogo contra o Shaktar.....	82
Anexo 2.4: Ébola .....	83
Anexo 2.5: Future Places.....	84
Anexo 2.6: Pianista Valentina Lisitsa .....	85
Anexo 2.7: Centro de Simulação .....	86
Anexos 3.....	87
Anexo 3.1: Greve dos Enfermeiros .....	87
Anexo 3.2: Greve dos Funcionários Judiciais .....	88
Anexo 3.3: Escritaria .....	89
Anexo 3.4: Festival de Francesinha.....	90
Anexo 3.5: Comissões .....	91
Anexo 3.6: União de Freguesias.....	92
Anexo 3.7: Morte em Esmoriz .....	93
Anexo 3.8: Economia não registada .....	94
Anexo 3.9: Loja virtual.....	95
3.10. Visita da Rainha de Espanha .....	96

## INTRODUÇÃO

*“A notícia é uma janela para o mundo”* (Tuchman, 1983: 13).

O jornalismo televisivo é um trabalho de equipa. Sem a conexão entre todos os elementos não é possível produzir notícias. O jornalista assume um papel primordial, mas não podem ser esquecidos os seus pares. Durante a experiência de estágio na RTP verificou-se uma série de rotinas jornalísticas e constrangimentos noticiosos que advêm não só do trabalho de equipa, mas do contexto socio-organizacional da empresa. Desta forma, Traquina (2008) sustenta que as notícias são construídas através dos óculos dos profissionais do campo jornalístico.

Todos, além de profissionais, são seres humanos, com convicções e formas de pensar próprias. Portanto, dispõem de uma realidade mental com determinados padrões já formados. Pina (2007) questiona até que ponto os jornalistas são, ou não, eticamente responsáveis (mesmo quando o não sejam juridicamente) pelos julgamentos que são chamados a diariamente fazer na prática profissional. A verdade é que os profissionais que produzem notícias estão inseridos em rotinas de organizações. São pressionados pela questão do tempo e desempenho dos colegas. Além de que na saída em reportagem, vários constrangimentos surgem, tais como encontrar numa realidade diferente daquela que seria esperada. Há muito trabalho em série por detrás daquilo que o telespectador visualiza tranquilamente em casa.

Os indivíduos refletem pouco sobre a forma como as notícias são construídas e que grande parte da realidade está mediada pelos meios de comunicação social, influenciados por alguns dos fatores já referidos. Aguaded (1999) realça que desde a infância se consomem altas doses de comunicação audiovisual sem se ter consciência de que os *media* criam e recriam a realidade.

Desta forma, para ser possível a organização do trabalho na empresa jornalística, segundo a observação efetuada durante o estágio na RTP, há várias funções: na agenda a reportagem é marcada com as fontes de informação, os coordenadores definem o ângulo de abordagem, sendo que o jornalista deve cumprir

esse foco, em conjunto com o repórter de imagem e, posteriormente, com o editor de imagem. De acordo com Saperas (1993) a agenda dos *media* depende da ação dos *gatekeepers*, que são os profissionais que, individual e organizativamente, determinam os itens de atualidade considerados relevantes em cada momento.

Além disso, cada vez há uma pressão maior para se obter informação de qualidade e em primeira mão. Uma corrida desenfreada pela audiência e por informar o público o mais rápido possível. Desta forma, esta investigação pretende compreender até que ponto a ansia por informar e transmitir ao telespectador assuntos tantas vezes descritos como perigosos, irá gerar uma ideia de pânico e medo na sociedade. Torres (2006) destaca que muitos assuntos realmente geram uma importante atenção pública e se prolongam num período de vários dias e adquirem características semelhantes à tragédia como espetáculo.

Este ponto surge devido ao destaque efetuado, durante o período de estágio, pela RTP sobre saúde, mais concretamente sobre as epidemias do ébola e doença do legionário, tornando-se possível observar todo o processo noticioso por detrás deste género de assuntos. Assim, houve um despertar de atenção para notícias sobre esta abordagem e por isso pareceu relevante refletir sobre esta realidade específica. De fato, vivemos num período em que as epidemias têm sido um dos assuntos mais abordadas pela comunicação social.

O vírus ébola, de origem africana, é a epidemia com maior destaque nos *media* da atualidade. O início da cobertura em Portugal deu-se com a transferência de dois cidadãos americanos e de um padre espanhol, infetados pelo vírus. Pressupõe-se que esta cobertura constante produz ideias de preconceito por se tratar de um surto vindo de países africanos. No entanto, também poderá ser benéfico para um maior controlo da doença, já que assim é transmitida mais informação sobre possíveis sintomas e formas de prevenção. Marôpo e Silveira (2014) destacam que as notícias frequentemente emitidas pelos meios de comunicação e se prolongam no tempo sedimentam o conhecimento acerca das mesmas.

No que respeita à doença do legionário, trata-se de outro surto que surgiu em algumas freguesias de Vila Franca de Xira. A abertura dos noticiários foi sempre sobre a epidemia, com descrição dos sintomas e especialistas a alertarem para as

medidas de prevenção. Enquanto não se detetou a origem da epidemia, a avalanche de notícias não cessou. Descobriu-se que o vírus estava relacionado com torres de refrigeração de uma empresa numa freguesia de Vila Franca de Xira. O alarmismo por parte dos *media* foi constante e, claro, provocou esse mesmo pânico nos telespectadores.

É fundamental analisar a forma como a televisão tem vindo a tratar as epidemias como sinónimo de tragédia e horror, colaborando para agravar o caos e gerando o medo e desesperança no telespectador. Já Ferraz e Gomes (2012) destacam que as noções de medo e mal estão intimamente ligadas à produção de sentidos das doenças infecciosas, transmitidas por um agente biológico, que pode ser um vírus, uma bactéria ou até um parasita.

Por outro lado, esta investigação pretende também comparar duas realidades: o cancro da mama e as epidemias. A primeira é uma doença que afeta milhares de pessoas por ano e não é tão noticiada pelos *media*, comparativamente às epidemias. No que concerne ao cancro da mama a comunicação social assume um carácter particularmente educativo para o telespectador, ao contrário do carácter eufórico na cobertura noticiosa das epidemias. Assim, metodologicamente serão analisados os enunciados das notícias efetuadas durante o processo de estágio, de modo a se compreender a forma como estão construídas.

No entanto, é necessário que haja literacia em saúde por parte indivíduos, fundamental no combate à doença para não se deixarem arrastar apenas pelas ideias veiculadas nos *media*, de modo a conseguirem ser mediadores de informação, através do conhecimento que dispõem. Saperas (1993) defende que a literacia em saúde irá afetar os diferentes graus de compreensão do meio e, conseqüentemente, as formas de adaptação dos indivíduos ao meio complexo e em permanente transformação. Assim, os indivíduos terão mais literacia para as notícias de acordo com o nível literacia em saúde, isto é, de acordo com Correia (2002) a concretização da mensagem veiculada pelos *media* só será eficaz se houver formação e educação que permita aos praticantes terem sensibilidade e conhecimento para a compreender. O autor defende que a educação para os *media* deverá ser compatível com a ideia de receção ativa e de participação cívica inerente ao conceito de sociedade civil como

sociedade de comunicação. “O recetor só passa a ser sujeito da informação quando dispõe de critérios próprios (Calvo, apud Correia: 1999, 327).

A saúde é uma vertente frágil na vida das populações e os *media*, com o seu enorme poder de persuasão, conseguem exercer uma enorme influência na opinião pública, que é definida pela agenda mediática. Assim, as epidemias são vistas nos dias de hoje, como um perigo iminente, já que se trata de agentes de contaminação novos.

Esta investigação reflete, portanto, a experiência de estágio numa dupla dimensão, problematizando a abordagem noticiosa na área da saúde e analisando a vertente prática das atividades desenvolvidas. Assim, esta investigação debruça-se, inicialmente, sobre a vertente de rotinas jornalísticas em televisão, técnicas jornalísticas, reportagens e o sentido crítico de construção noticiosa. Por fim, efetua-se uma análise teórica à relação entre a saúde e os *media* televisivos, principalmente no que concerne às epidemias.

## 1. O ESTÁGIO

No início desta caminhada no mundo do jornalismo, sempre esteve presente o interesse pela área televisiva. A verdade é que os primeiros passos jornalísticos foram dados em imprensa. No entanto, o tão esperado dia chegou. Estar perto do jornalismo televisivo assumiu-se como uma ambição tornada real.

A entrada na RTP foi uma mudança enorme a nível pessoal e profissional. A RTP Porto é composta por profissionais competentes que ensinam ser possível produzir jornalismo de qualidade, com espírito de camaradagem dentro da empresa.

Aquando da primeira entrada na redação, observou-se muito trabalho, computadores, correria, mas ao mesmo tempo, a boa comunicação e a simpatia que fluía, naturalmente, entre todos os elementos. Ao mesmo tempo que jornalistas e repórteres de imagem mostravam a típica boa disposição do norte, havia rigor e prazos de trabalho a serem, minuciosamente, cumpridos.

A redação é composta por várias secretárias agrupadas: umas destinadas aos jornalistas de rádio, outras aos jornalistas de televisão e uma maior no meio destinada aos *pivots* e coordenadores. Mais ao fundo ficam situadas as secções destinadas ao desporto. Há ainda mesas em linha destinadas aos operadores de câmara, à agenda e à produção.

Este primeiro capítulo assume-se como um verdadeiro espelho da experiência na RTP. No Monte da Virgem, entre um labirinto de corredores e escadas, houve muita aprendizagem e evolução. Um estágio que superou as expectativas e em que todos os dias foram assimilados conhecimentos essenciais.

As sete horas diárias estenderam-se praticamente sempre. Ser jornalista é trabalhar sem dar conta do relógio e sentir que as horas a mais nunca são demais. É um trabalho de paixão, um teste constante do carácter e da persistência.

Seguidamente será efetuada uma abordagem relativamente ao serviço público de televisão e logo se seguem as experiências de reportagem durante o período de estágio, os constrangimentos vivenciados e a observação das rotinas e técnicas jornalísticas. Por fim apresenta-se um enquadramento reflexivo entre o estágio e a formação académica.



## 1.1. A RTP: O serviço público de televisão

*“O serviço público de televisão desempenha, desde a sua origem, ainda antes da segunda guerra mundial, um papel de indiscutível importância cultural, social, económica e mesmo política, não apenas no âmbito dos media, mas também nas próprias sociedades contemporânea” (Arons de Carvalho, 2009: 9).*

De acordo com Sena (2011) em 15 de dezembro de 1955 nasceu a Radiotelevisão Portuguesa por iniciativa governamental. Inicialmente instalou-se numa dependência da Emissora Nacional, até possuir uma acomodação própria na cave de um antigo Palacete na Rua de São Domingos à Lapa. A televisão pública acabou por ocupar o edifício até 1979 até se instalar na Avenida 5 de Outubro, em Lisboa.

O mesmo autor refere que as primeiras emissões experimentais da RTP decorreram na Feira Popular. Em 4 de setembro de 1956 são inauguradas as emissões da televisão pública. “A partir desta data as populações travam contacto com uma das maiores invenções que o Mundo viu, permitindo conhecer tudo o que se passa” (Sena, 2011: 68). Nesta coexistiam objetivos de pluralidade, qualidade, fieis aos princípios de coesão social e que não esquecessem os valores culturais do país, nem os grupos minoritários. Após o 25 de abril e com o fim da ditadura portuguesa, a RTP nacionaliza-se e transforma-se em empresa pública de Radiotelevisão Portuguesa.

No entanto, o aparecimento de canais privados assumiu-se como uma agressiva concorrência e o serviço público de televisão tem vindo a enfrentar sérios desafios financeiros. Assim, o financiamento da RTP pelo cidadão representa uma forma incontestável de assegurar a sua existência, independentemente do efetivo consumo por parte dos cidadãos contribuintes (Arons de Carvalho, 2009: 155). Enquanto nos canais privados, o financiamento é gerido pela maximização das audiências e pelas receitas publicitárias, no canal público é exigido ao contribuinte um esforço financeiro, ao mesmo tempo que se impõe a diferenciação e qualidade exigidas a uma televisão não comercial. “O serviço público reclama-se de um serviço

destinado ao cidadão e não ao consumidor” (Arons de Carvalho, 2009: 158). De acordo com Ala-Dossi (2005, apud Santos, 2013: 115), o que acontece é que os operadores privados produzem para ser vistos, numa forma de financiamento e os operadores públicos transmitem para criar valor social. Os primeiros estão preocupados com uma noção de qualidade orientada para a concorrência, enquanto os segundos devem pensar na qualidade dos seus conteúdos direcionada para os benefícios sociais.

No entanto, com a enorme popularidade e qualidade de programação por parte dos novos operadores, originou em alguns portugueses a ideia da desnecessidade do serviço público. “Como é sabido, quando a publicidade sustenta o mercado, os únicos gostos que são satisfeitos são os que coincidem com os dos anunciantes. É por isso que os operadores públicos podem continuar a ser relevantes, para impedir que sejam questões de escala a moldar a oferta mediática e a aumentar fossos sociais no consumo cultural” (Santos, 2013: 147).

Além disso, a RTP é um grande grupo que inclui também o serviço público de rádio. Atualmente a RTP alberga a RTP1, RTP2, RTP Memória, RTP informação e RTP África, garantindo legendagem para deficientes auditivos. Para além da sua sede em Lisboa, a RTP dispõe de treze Centros Regionais espalhados por todo o país, com o objetivo de produzir noticiários em simultâneo com emissões regionalizadas: Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Porto, Viseu, Guarda, Coimbra, Castelo Branco, Santarém, Évora, Faro, Funchal e Ponta Delgada. E correspondentes por todo o mundo: Espanha, França, Bélgica, Suíça, Rússia, Timor, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Brasil e Estados Unidos da América. Neste momento o diretor de informação da RTP é o jornalista Paulo Dentinho.

Sena (2011) sustenta que o princípio de serviço público de televisão, adotado largamente pela generalidade dos países europeus, segue um conjunto de pressupostos, tais como a universalidade, pluralismo, diversidade e vocação cultural. Um acesso à liberdade de expressão defendida por Santos (2013) como sendo um direito fundamental do homem e o coração da sociedade democrática. Ela traduz-se

não apenas na liberdade de exprimir ideias, mas também de receber as mais diversas formas de pensamento.

### 1.1.2. O Centro de Produção do Norte

*“A televisão de serviço público é uma televisão inteligente e cidadã, feita por profissionais motivados, para telespectadores exigentes”* (Sena, 2011: 121).

A RTP Porto situa-se em Vila Nova de Gaia, no Monte da Virgem. Dispõe de um parque de estacionamento amplo, um bar e um refeitório. No interior das instalações situa-se a redação, a *régie*, a edição, o AGS<sup>1</sup> e os estúdios que se encontram no piso inferior à redação. As instalações dispõem de segurança 24 horas por dia.

Recentemente foi criada na RTP Porto a Academia RTP, o que revela preocupação com os jovens e um abrir de portas para quem está agora a começar na profissão. Na Academia é dada a possibilidade de jovens produzirem conteúdos, que podem ir da ficção ao documentário, passando pelo concurso, série televisiva com humor ou *talk-show*, através de uma ampla formação audiovisual.

Na RTP Porto é emitida a RTP2, o Jornal da Tarde, o Bom Dia Portugal (ao fim de semana) e ainda a maioria dos programas desportivos. O diretor de informação da RTP Porto é o jornalista Hugo Gilberto. Os coordenadores de informação são os jornalistas Hélder Silva, Sandra Sá Couto, Duarte Valente e Susana Santos. A jornalista Inês Gonçalves é a coordenadora da secção de desporto. Os *pivots* são os jornalistas Carlos Daniel, Hélder Silva, Daniel Catalão, Estela Machado, Cristiana Freitas e Sandra Pereira. Os *pivots* dos noticiários desportivos são os jornalistas Manuel Fernandes Silva, João Pedro Silva, Hugo Gilberto e Inês Gonçalves.

A RTP Porto efetua cobertura de toda a zona norte do país e dispõe de uma larga frota de automóveis para reportagem ao serviço dos profissionais. Como constatado durante o período de estágio, vive-se bom ambiente no Centro de Produção do Norte. Todos se conhecem. Há rigor e muitas horas de trabalho. No

---

<sup>1</sup> O material audiovisual gravado na(s) cassette(s) de vídeo é copiado para os *servers*, também denominados por servidores de vídeo, nomeados na RTP por AGS. A sala que desempenha esta tarefa também é designada na RTP por AGS.

entanto, os momentos de convívio também se fazem sentir. É uma grande casa, onde todos os dias, se produz jornalismo de qualidade com muito profissionalismo. “Essa é a missão do serviço público. E só dessa forma se compreende que todos nós, contribuintes, paguemos a existência de uma televisão do Estado em Portugal” (Cádima, 1999: 213).

## 1.2. As rotinas produtivas

*“Os jornalistas precisam de rotinas para processarem regularmente a sua matéria-prima e corresponderem ao imperativo de produzirem a notícia antes do prazo”*  
(Traquina, 2007: 29).

Organizar o trabalho de modo a ser produzido dentro do tempo estipulado é o maior imperativo do jornalismo. Há prazos a cumprir e por isso todas as funções estão distribuídas e as rotinas produtivas devidamente delineadas. A observação destas práticas foi constante. Desde o primeiro momento que as rotinas e hierarquização jornalística foram compreendidas muito rapidamente.

O estágio iniciou-se de forma organizada, com o acolhimento por parte de um elemento dos recursos humanos da RTP que, durante toda a manhã, apresentou as várias áreas da empresa e todos os profissionais, desde a redação, à régie e à equipa de edição. Assumiu-se como um momento particularmente marcante: a integração, a observação e a adaptação a um mundo novo.

Por fim, na redação a coordenadora Sandra Sá Couto encarregou-se de iniciar a orientação do estágio. Nesse dia, observou-se todo o *stress* vivenciado na redação poucos minutos antes das 13 horas: a correria por terminar as notícias a tempo, de modo a serem inseridas no alinhamento, através do programa *ENPS*<sup>2</sup>. Às treze horas houve um acompanhamento da coordenadora até à régie.

Assim, logo no primeiro dia, compreendeu-se como funciona uma régie e o trabalho da *pivot* em estúdio. É importante controlar o alinhamento, a imagem do *pivot* e os oráculos a serem inseridos. Uma série de aspetos a ter em conta, numa luta contra o tempo, por profissionais que trabalham por um noticiário de qualidade que

---

<sup>2</sup> Ao nível técnico e como forma de organização, a RTP usa o programa *ENPS*, no qual todos os profissionais têm acesso. Lá são guardados os dados individuais de cada um e as notícias escritas ou pesquisa efetuada. A organização da grelha com marcação dos serviços também é efetuada através deste programa. Nesta está patente o hora da reportagem, a hora da saída da redação, hora de chegada, o local, o jornalista, o repórter de imagem, a descrição do assunto e alguns contactos das fontes de informação.

cative os seus telespectadores. “O telejornal é, antes de tudo, uma obra coletiva onde a responsabilidade própria do jornalista é difícil de circunscrever” (Jespers, 1998: 50).

Durante a produção do Jornal da Tarde o coordenador tem a função de organizar a equipa de jornalistas para o noticiário e a partir das 13 horas muda-se para a *régie*, verificando o alinhamento do programa, o que falta e não falta. Alguns jornalistas, sob a pressão do tempo, colocam a notícia no alinhamento a poucos minutos de ser transmitida. Nesses momentos, o coordenador pressiona e, muitas vezes, telefona para a edição para que o jornalista acelere o processo. “O fator tempo é algo que conforma a notícia e que transcende a ação pessoal do jornalista, encontrando expressão nos constrangimentos sócio organizacionais e sócio económicos que condicionam o sistema jornalístico e na própria cultura profissional” (Sousa, 2000: 51).

O alinhamento dos programas é também elaborado a partir do *ENPS*. A notícia por escrito é colocada neste alinhamento para ser vista pelo *pivot*, de modo a que este altere o texto de *pivot*, caso considere necessário. O alinhamento é onde estão todas as informações de um jornal televisivo: o nome das notícias, os diretos, as entrevistas, a ordem de emissão, a identificação do suporte de vídeo e áudio, assim como a respetiva duração. Ao se produzir o alinhamento do jornal respeitam-se determinados critérios jornalísticos, de acordo com o público-alvo e o nível de noticiabilidade de cada informação.

No alinhamento do jornal são os coordenadores que escolhem a peça de abertura, que será a informação com maior impacto, de modo a se captar a atenção do telespetador. As notícias são alinhadas pelo nível de interesse por ordem decrescente. “Os *media*, como comunicação pública, determinam as formas de orientação da atenção pública, a agenda de temas dominantes que reclamam essa atenção e sua posterior discussão pública, a hierarquização da relevância destes temas e a capacidade de discriminação temática que os indivíduos manifestam” (Saperas, 1993: 49). De salientar que cada notícia terá de ter no máximo um minuto e meio. Em casos excecionais poderá ultrapassar esse tempo até aos três minutos, mas normalmente essas peças passam para o fim-de-semana

O jornal da Tarde termina por volta das 14h15. É, diariamente, o período de maior adrenalina na redação do Porto. O Telejornal, transmitido às 20 horas, é coordenado a partir de Lisboa. Portanto logo após o fim do programa, vive-se um ambiente mais tranquilo, embora neste período muitas reportagens sejam agendadas para serem transmitidas no Telejornal ou no Jornal da Tarde do dia seguinte.

Os horários praticados na RTP são variados. No entanto, é no horário da manhã que mais se trabalha na redação do Porto, uma vez que é durante este período que as notícias são produzidas. Os noticiários da manhã da RTP Informação são também transmitidos no Centro de Produção do Norte. Assim, muitos jornalistas começam a trabalhar de madrugada para começarem a escrever *off's* dos noticiários da manhã. As peças do Jornal da Tarde são geralmente repetidas na RTP Informação durante a tarde e no Telejornal.

Como já referido, até ao fim do Jornal da Tarde vive-se uma verdadeira luta contra o tempo. Acontece chegar à redação já depois das 13 horas e a/o jornalista ter ainda de montar a peça para o programa que começa precisamente às 13 horas. Há uma enorme “pressão do tempo nas práticas profissionais, a requerer uma constante matéria noticiosa em tempo útil e as exigências de imparcialidade e objetividade com que a notícia deve ser formatada” (Penedo, 2003: 38). No horário seguinte melhoram-se peças, sai-se em reportagem para assuntos com menor urgência noticiosa e também se produz bastante para o programa Portugal em Direto. Além de que são transmitidos programas desportivos na RTP Informação neste e no período da noite.

Apesar da hora de entrada em estágio ter sido definida para as 8h30, o horário baseou-se sempre na hora da reportagem, marcada sempre na véspera. Pelas 18 horas era recebida uma mensagem da produção com o horário, o nome da reportagem e o/a jornalista que se iria acompanhar. No entanto, nem sempre era proposto trabalho. Nesses dias o processo baseou-se na pro-atividade de acompanhar um jornalista na redação ou falar diretamente com coordenadores Sandra Sá Couto e Hélder Silva para marcarem um acompanhamento em reportagem.

Teriam de ser cumpridos cinco dias de trabalho, com direito a duas folgas, geralmente ao fim-de-semana. No entanto, também houve necessidade de estagiar ao



fim de semana já que havia mais disponibilidade por parte da equipa de edição para montar as peças de estágio ao sábado e ao domingo.

Na maioria das vezes, as edições das notícias de estágio foram marcadas às 8 horas, período em que a edição está tranquila e quando chega o primeiro editor de imagem. Inicialmente, não foi fácil começar a editar as notícias, já que houve alguma resistência por parte do coordenador da edição. No entanto, aos poucos, conseguiu-se ir marcando as edições. Todas as notícias eram guardadas em cassetes pelos técnicos do *AGS*, sempre muito disponíveis e com muita paciência.

No que concerne à pesquisa de informação, na RTP a responsabilidade é da equipa da agenda, que também estabelece os contactos e coloca toda a informação necessária no *ENPS* para o jornalista que se irá dirigir ao local. Noutros casos, o jornalista também faz os contactos e combina entrevistas, se tiver conhecimento próximo com fontes especializadas.

São os diretores e coordenadores que estabelecem os assuntos a serem tratados e que atribuem a cada jornalista uma reportagem. Normalmente fazem-se reuniões semanais para se discutir assuntos e ângulos de abordagem. Muitas reportagens são marcadas com dias de antecedência. Sousa (2000) refere que “a previsibilidade das informações e a planificação norteiam os procedimentos de recolha de informação, pois permitem que, em cada período de trabalho, regulado pela agenda e pelas *deadlines*, não se comece do nada”.

Antes de sair para o exterior, o jornalista passa na redação, abre o *ENPS*, imprime o documento de serviço com toda a informação e poderá ainda efetuar alguma pesquisa. Sai da redação sempre em conjunto com o repórter de imagem. Como a RTP do Porto dispõe de menos profissionais do que em Lisboa, acontece um jornalista ter dois serviços marcados no mesmo dia.

Além do planeamento de saídas para reportagem, há ainda as saídas para direto, que são normalmente tratadas no dia anterior, já que é necessário pedir meios de direto, pedir permissão do local onde se vai transmitir e às pessoas envolvidas. Claro que há exceções, já que não há tempo quando surge um direto de última hora, como no caso de um acidente.

### 1.3. As técnicas jornalísticas

Em televisão são necessárias diversas técnicas para a montagem das notícias jornalísticas. Desde a forma de construção frásica, à edição de imagem, aos grafismos e à locução. Uma série de aspetos a ter em conta, que transforma a televisão num meio interativo e que desperta a atenção do telespetador. “O *media* televisivo é o meio de divulgação em massa que une os principais sentidos humanos: utiliza-se da locução e da imagem para apreender os olhares do público” (Negrini e Tondo, 2006: 36). Os conceitos foram aprendidos gradualmente e, todos os dias, jornalistas, repórteres de imagem e editores de imagem foram transmitindo os seus vastos conhecimentos, que permitiram uma melhoria e aperfeiçoamento constantes na construção das notícias de estágio.

Relativamente à edição de vídeo, a RTP utiliza um programa/servidor designado por *Qcut*. Deste modo, assim que o jornalista e repórter de imagem regressam do trabalho exterior têm de passar pelos técnicos responsáveis por efetuar o designado *ingeste*, ou seja, passar a imagem em bruto<sup>3</sup> da cassette para o servidor, designado na RTP por *AGS*. A maioria das vezes é o repórter de imagem que desempenha esta tarefa, já que assim se poupa tempo e o jornalista poderá subir para a redação e iniciar a escrita da notícia. Desta forma, combinam entre ambos qual o nome em que a imagem em bruto ficará guardada no servidor. Para poupar tempo, os jornalistas cortam logo na redação as partes da imagem em bruto que lhes interessa, de modo a tornar mais fácil o trabalho do editor. É claro está que televisão é escrever para a imagem.

Na vertente de estágio, a aprendizagem de trabalho com o programa de edição foi gradual. Foram editadas mais de vinte notícias. De salientar o enorme apoio obtido por parte dos editores de imagem. Ajudaram com a locução, dicção e ainda iam dando dicas quanto à escrita e montagem das notícias. Foram muitas horas

---

<sup>3</sup> A designação de “imagem em bruto” define-se pela gravação que ainda não está fragmentada pelo editor de imagem ou jornalista. Isto é, a gravação completa do trabalho exterior, em que posteriormente algumas partes serão selecionadas. Essas partes são designadas por “cortes de imagem”.

dentro das salas de edição. Com o microfone o jornalista lê o texto que já trás da redação imprimido a partir do programa *ENPS* ou abre o programa num computador disponível na sala de edição. Relativamente à edição de notícias internacionais, o jornalista pode optar por duas formas distintas de produção noticiosa: efetuar os cortes dos vivos<sup>4</sup> que pretende na redação e enviar ao tradutor através de um contacto telefónico para a RTP em Lisboa, ou mandar apenas legendar os vivos após a notícia montada na edição.

O editor de imagem corta o som de acordo com os vivos. O jornalista informa qual o nome em que as imagens estão guardadas no *AGS* e a partir daí começa-se a montar a notícia. Algumas vezes são necessárias imagens de arquivo. Nesse caso, o jornalista antes de descer para a edição pede ao arquivo as imagens que pretende e estas são colocadas no *Qcut*.

Em relação à escrita televisiva, neste contexto as frases são mais simples e curtas. Além de que se tem de deixar a imagem falar por si. De acordo com Aurtaud (Apud Torres, 2006) o lado espetacular acentua-se precisamente pela tendência de não submeter o todo da emissão à palavra, seja ela escrita ou improvisada. Tal como no teatro: um teatro que submete a encenação e a realização, isto é, tudo o que há nele de especificamente teatral ao texto é um teatro idiota. Há que ter em conta este conflito entre texto e imagem como se fosse um contrato comunicativo. “Por vezes, novos elementos de ação nas imagens obrigam à interrupção do discurso verbal, outras vezes as imagens têm de esperar pelo termo de uma unidade discursiva verbal” (Torres, 2006: 94).

Quanto à dicção, os jornalistas deverão usar uma leitura num tom de “narração familiar com inflexões o mais naturais possíveis, como se dirigissem a um interlocutor com quem tivessem boas relações: é a empatia” (Jespers, 1998: 122). Na reportagem sobre o *Portugal Fashion*, antes de se iniciar a edição da notícia, a jornalista Joana Martins desceu para a sala de edição e forneceu algumas dicas: sorrir enquanto se lê para dar um tom mais suave à leitura e ler de cabeça erguida para uma melhor projeção de voz. “É a oralidade (e não a visualidade) da televisão que implica uma audiência efetiva, precisamente por ser um *media* orientado para a *performance*” (Torres, 2006: 88).

---

<sup>4</sup> Vivos são as entrevistas efetuadas durante o trabalho de reportagem.

#### 1.4. As reportagens do Jornal da Tarde

Logo de início, a orientadora Sandra Sá Couto informou que o estágio seria apenas de observação e que as peças efetuadas neste âmbito não poderiam ser lançadas para o ar. Iriam apenas ser elaboradas notícias para um pequeno jornal simulado, a ser apresentado em estúdio no final do estágio. Assim, o trabalho baseou-se no acompanhamento de jornalistas que saíam para reportagem e que iam dando dicas tanto no trabalho exterior como no processo de construção noticiosa.

Além da observação efetuada ao longo deste processo, era sempre efetuada a preparação das notícias através de pesquisa sobre o tema na internet e elaboradas possíveis perguntas para as fontes de informação. Quando se tratava de uma saída para direto eram também apontados os próprios tópicos para efetuar uma simulação. Ao longo da reportagem observava-se se muito e colocavam-se dúvidas. Também se auxiliava a equipa no transporte do material técnico de reportagem como o tripé e o microfone.

No regresso à redação, escrevia-se o próprio texto jornalístico no *ENPS*. Completava-se a notícia com declarações dos entrevistados, selecionadas mediante a visualização das imagens em bruto. Após a notícia estar redigida, havia um pedido ao jornalista acompanhado, para proceder às devidas correções. Assim que o texto estivesse corrigido, estaria pronto para gravação e montagem da notícia, num dia a combinar com o coordenador da edição.

Foram vários os momentos de aprendizagem, mas serão destacadas apenas algumas das reportagens mais marcantes, não só pela maior assimilação de conhecimentos, como também por terem suscitado mais questões e reflexão.

Logo no segundo dia de estágio, a jornalista Paula Martinho da Silva efetuou o acompanhamento. A jornalista estava responsável, naquela semana, por produzir notícias de âmbito internacional, sob orientação da coordenadora Sandra Sá Couto. A primeira tarefa de estágio foi pesquisar imagens em agências internacionais, tais como a *Reuters* e a *APT<sup>N</sup>*<sup>5</sup>. “A televisão aperfeiçoou a proeza técnica que permite ir buscar uma imagem a qualquer lugar do mundo e de a trazer, à velocidade da luz, para qualquer outra parte do globo” (Woodrow, 1996: 42).

---

<sup>5</sup> Associated Press Television News

Após observada a pesquisa, a escrita para televisão, a edição e a forma como a jornalista dava voz às notícias, começou-se por escrever as notícias de estágio. A primeira notícia internacional foi sobre a epidemia do ébola e o aumento de casos na Guiné-Conacri, assunto abordado no segundo capítulo deste trabalho. Verificou-se que na construção de notícias internacionais “todos bebem das mesmas fontes: as agências noticiosas e os bancos de imagens” (Woodrow, 1996: 64).

Na segunda semana de estágio efetuou-se a primeira saída em reportagem com a jornalista Ana Felício e o repórter de imagem Jorge Vieira para um direto e reportagem no Hospital de Santo António, no Porto, relativo à greve dos enfermeiros. Saiu-se da redação pelas sete e meia da manhã, depois de recolher informação de outros órgãos de comunicação social e dos telexes das agências noticiosas. Após o trabalho exterior, a jornalista Ana Felício disse que teria de montar a peça com imagens de todos os distritos do país. Aconteceu, muitas vezes, equipas de Lisboa, Faro ou Coimbra saírem em reportagem, entrevistarem fontes de informação, captarem imagens e depois um jornalista do Porto montar a peça com tudo em conjunto para entrar no Jornal da Tarde. Uma dificuldade sentida, já que nem todos cumprem o mesmo *timing*, o que atrasa o trabalho do jornalista responsável por agrupar todo o material: visualizar os brutos, fazer os cortes dos vivos e retirar informação importante.

Destacam-se também as reportagens de cultura na Casa da Música com artistas estrangeiros e o evento *Future Places* na Faculdade de Belas Artes, no Porto. Aqui desenvolveu-se o lado criativo do jornalismo cultural e compreendeu-se os seus objetivos. O jornalismo cultural revela “de forma clara e acessível que, em toda a grande obra, de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (Morin, Apud 2001: 45). É uma forma de mediação social do jornalismo, que leva assuntos culturais a públicos que não conseguem ter acesso a eles.

Destaca-se outra reportagem: um jantar solidário de natal destinado aos sem-abrigo e às pessoas carenciadas do Porto. O jornalismo deveria, cada vez mais, “reposicionar o social, não como o terceiro, mas como o sector por excelência, e em função do qual todos os outros devem ocupar. Entende colocar o ser humano no centro da comunicação” (Andrade, 2007: 8). Este tema é cada vez mais “essencial

para a ideia de Europa que se tem tentado implementar, que um serviço público inclua as minorias e as pessoas com necessidades especiais, que se respeitem as diferenças entre comunidades e as questões de género, bem como o acesso de camadas sociais mais necessitadas” (Santos, 2013: 104). Nesta notícia a dicção já tinha melhorado consideravelmente. Foi possível dar voz com os critérios aconselhados em televisão.

Outra reportagem relacionada com a área da moda foi efetuada com a jornalista Paula Martinho da Silva, especialista na vertente e com contacto de fontes especializadas. Grandim (2000) define estas fontes como os contactos pessoais do jornalista, as suas fontes privadas cuja confiança ele conquistou ao longo do tempo. Em dezembro a jornalista propôs um acompanhamento de estágio à fábrica da estilista Ana Sousa, em Barcelos, e à secção fotográfica do lançamento da nova coleção de calças. O repórter de imagem era o Pedro Pena, também já familiarizado na área da moda e, em parceria com a jornalista, foi combinando o ângulo da abordagem e os planos que poderia captar. Foi muito interessante conhecer a estilista Ana Sousa e estar perto da indústria têxtil nacional. Efetuou-se muita pesquisa antes e depois da reportagem, sempre com a ajuda da jornalista.

Também há no jornalismo muita encenação, outro ponto de abordagem verificado numa reportagem com o jornalista Paulo Jerónimo. Era a greve dos funcionários da Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Gaia. Quando a equipa da RTP chegou ao local da reportagem, os funcionários começaram a manifestar-se, foram entrevistados e no fim, após a recolha de imagens, terminaram a manifestação.

*A simples presença das câmaras de reportagem pode também incitar algumas pessoas a entregarem-se a atos violentos, ou a demonstrações espetaculares com o objetivo de usar a televisão como meio de propaganda para as suas teses ou como oportunidade de se mostrarem. O jornalista deverá ser extremamente atento para não se deixar manipular nem servir de caixa-de-ressonância de campanhas de opinião (Jespers, 1998: 63)*

Ou seja, verificou-se que muitas dos protestos que existem são montados unicamente para a comunicação social. Há aqui uma lógica e encenação narrativa. “Nunca é demais repetir que a televisão é um espaço teatral, um espetáculo onde é indispensável mostrar-se para existir” (Woodrow, 1996: 74).

Em final de novembro, uma reportagem surgiu inesperadamente no período da manhã. O Jornal de Notícias laçou uma informação sobre o homicídio por esfaqueamento de um homem em Esmoriz. “O crime revela-se como matéria muito apelativa no resgate da atenção do público, tendo em conta o potencial dramático e emotivo das suas histórias, através das quais se perscruta o lado mais sombrio e enigmático da natureza humana” (Penedo, 2003: 13).

O jornalista Duarte Valente, que estava a coordenar nesse dia o Jornal da Tarde, mandou imediatamente uma equipa para o local: a jornalista Cristiana Freitas e o repórter de imagem Luís Flores. Mais uma oportunidade de acompanhar trabalho de reportagem por iniciativa própria. Havia ainda pouca informação, mas o Jornal de Notícias salientava que o indivíduo teria sido esfaqueado pela esposa. “Devido ao imediatismo da tecnologia televisiva, muitas vezes, os repórteres podem ainda não estar na posse de todos os factos necessários para transmitir uma estória” (Albarran, 2007: 28).

Quando chegámos, estavam muitas equipas de reportagem junto à habitação da ocorrência, assim como muitos vizinhos. “A presença de grande número de pessoas nos locais dos eventos trágicos indica como a curiosidade é altamente mobilizadora” (Torres, 2006: 132). A vítima encontrava-se ainda no interior da habitação.

As equipas estiveram horas na rua, à espera da declaração de um vizinho da habitação ao lado, que após muita pressão, apenas comunicou pela campainha. Quando passavam vizinhos na rua, os jornalistas dirigiam-se a estes para efetuar perguntas sobre o ambiente vivido na família do suposto homicídio. Todas as equipas trocavam informações entre si e verifiquei que “os jornalistas monitorizam a cobertura uns dos outros. Mesmo quando não estão em contacto direto, os jornalistas confiam fortemente no trabalho uns dos outros, como prática institucionalizada, para ideias de estórias e confirmação dos seus critérios noticiosos” (Traquina, 2007: 20). Alguns referiam que a esposa teria esfaqueado o marido, pois segundo alguns vizinhos, havia muitas discussões entre ambos.

A mulher e a filha menor já tinham sido reencaminhadas para o hospital. Como no local não se conseguia qualquer informação relevante e faltava pouco

tempo para o Jornal da Tarde, foi-se até aos Bombeiros Municipais para obter informações de uma fonte oficial. O bombeiro entrevistado tinha estado no local e informou que o indivíduo não apresentava sinais visíveis de esfaqueamento e que até suspeitavam que tivesse sofrido um acidente vascular cerebral, já que quando chegaram se encontrava em paragem cardiorrespiratória. “Um testemunho em primeira mão é mais credível que um testemunho referido por ouvir-dizer. Quanto menos intermediários entre o acontecimento relatado e o jornalista houver, menos riscos de deformação há” (Jespers, 1998: 34).

A equipa deslocou-se diretamente para o hospital, onde estariam a ser assistidas a esposa e a filha menor. No entanto, ficou-se à espera que o médico, que teria assistido a mulher e a filha, respondesse a algumas questões. No entanto, demorou muito tempo e já passava das 13 horas. “O tempo e a pressão competitiva para ser o primeiro a transmitir uma notícia pode levar a uma má decisão. Uma multiplicidade de situações que podem conduzir a desafios éticos: transmitir material que pode não ser verdadeiro ou comprovado” (Albarran, 2007: 28).

A jornalista Cristiana Freitas esteve em constante ligação com o coordenador, que a aconselhou a esperar pelas respostas do médico. No entanto, a pressão do tempo exigia rapidez e ainda faltaria a viagem até Vila Nova de Gaia. Pelas 13h30, a equipa retirou-se do hospital sem qualquer declaração médica e a jornalista apenas dispunha da informação dos bombeiros. “A pressão do tempo é agudizada pela competitividade, o que torna ainda mais periclitante a qualidade da informação, uma vez que leva o jornalista a relatar as histórias em situações de incerteza, quer porque nem sempre reúnem os dados desejados, quer porque necessitam de selecionar rapidamente acontecimentos e informações” (Sena, 2011: 100).

No regresso à RTP, a jornalista foi montar a notícia em pressão, tendo já redigido o texto num balcão do hospital. Após toda a luta contra o tempo, a peça foi lançada para o ar na segunda parte do Jornal da Tarde. Quando a jornalista chegou à redação, já aliviada de toda a adrenalina, o coordenador Hélder Silva perguntou-lhe as razões da SIC e TVI terem conseguido lançar a notícia como abertura dos jornais e com a informação de que o indivíduo teria sido esfaqueado pela esposa, e a RTP não



tinha conseguido. A verdade é que alguns dos “conteúdos da estação pública foram sendo alterados aproximando-se das estações comerciais” (Sena, 2011: 173).

O coordenador contactou de imediato o INEM, que lhe forneceu a informação que faltava: o indivíduo teria sido vítima de homicídio por esfaqueamento. De acordo com Grandim (2000) é por esta razão que em todos os assuntos que envolvam questões sociais, desacordos ou controvérsia, o jornalista não pode simplesmente limitar-se aos dados fornecidos por uma única fonte. Pelo contrário, deve ouvir o máximo de pessoas envolvidas no caso, o que o ajudará a relativizar as primeiras informações recebidas, reproduzindo o máximo possível de informações que conseguiu obter.

No período da tarde, a jornalista deslocou-se de novo a Esmoriz para obter mais informações e disseram-lhe para ir falar com mais vizinhos, o que a indignou. A RTP, sendo serviço público, não deveria possuir critérios comparáveis a televisões privadas, nem permitir que um assunto destes fosse prioritário num jornal. “A RTP sofreu um impulso com o advento dos operadores privados, que se refletiu numa alteração de conteúdos, que se tornaram mais aproximados das emissões das televisões privadas e numa redução global dos géneros e características atinentes ao serviço público” (Sena, 2011: 168).

As notícias sobre crimes cada vez ganham um maior destaque nos noticiários. No entanto, a RTP deveria ter uma visão diferente no tratamento da informação. “O que acontece é que os operadores privados produzem para ser vistos, como forma de se financiarem e os operadores públicos transmitem para criar valor social. Os primeiros estão preocupados com uma noção de qualidade orientada para a concorrência, ao passo que os segundos devem pensar a qualidade dos seus conteúdos direcionada para os benefícios sociais (Ala-Dossi, 2005)”. (Santos, 2013: 115).

A meio do período de estágio, a jornalista Sandra Sá Couto referiu que o orientador passaria a ser o jornalista Manuel Fernandes Silva da secção de desporto. Informação obtida aquando do pedido para assinar um documento de estágio. No entanto, o novo orientador mostrou-se sempre disponível para ajudar e responder a

dúvidas. Visualizou as peças, deu dicas para melhorar, marcou saídas em reportagens e ajudou a marcar as edições de estágio. A partir deste período, as tarefas começaram a ser cada vez mais motivantes, mas ao mesmo tempo mais trabalhosas.

Este processo instável de inserção é normal no ingresso de uma determinada pessoa numa organização jornalística. “Ela é sujeita a um processo de socialização. Este processo leva-a a aculturar-se na organização e na profissão, a moldar atitudes, comportamentos e até a identidade” (Sousa, 2000: 107).

## 1.5. Os diretos

Os diretos televisivos assumem-se como uma importante componente na atividade dos profissionais de jornalismo. A experiência ajuda, mas há técnicas a serem cumpridas e, acima de tudo, o saber trabalhar sob pressão é a maior característica de um direto. Assim, logo nas primeiras semanas, um dos trabalhos de estágio foi simular diretos, como se fossem reais. Era uma forma de treinar a técnica, aprender a controlar o nervosismo e condensar a informação em pouco tempo.

Assim, o primeiro direto observado aconteceu na primeira saída em reportagem para a greve dos enfermeiros, com a jornalista Ana Felício e o repórter de imagem Jorge Vieira. No direto, a jornalista apenas efetuou uma descrição relativa à greve no hospital, sem entrevistado e com imagens em tempo real. Num direto televisivo “o tempo do espectador do direto ser simultâneo aos eventos resulta num carácter efêmero de vivência semelhante ao do espetáculo teatral, o qual começa a existir de fato exatamente no momento em que o pano sobe, ou em que o espetáculo começa, e acaba exatamente no momento em que o espetáculo acabou” (Pedro apud Torres, 2006: 93).

Assumiu-se como um momento novo no estágio, já que nunca tinham sido diretamente observados os procedimentos técnicos utilizados neste contexto. De acordo com Torres (2006) a capacidade técnica de transmitir imagens em tempo real, resulta da crescente facilidade de transporte e manuseamento dos equipamentos, das transmissões à distância via telefone, cabo ou satélite, da disponibilidade de meios humanos (técnicos e jornalistas) e da diminuição de custos e ainda da facilidade de atingir uma ampla audiência.

Numa outra saída em reportagem com a mesma equipa, na greve dos funcionários judiciais, houve um primeiro incentivo para simular um direto. Foram efetuados alguns apontamentos no bloco de notas, mas surgiu uma certa dificuldade em condensar a informação e em fixar o olhar na câmara. Num direto é essencial olhar “o interlocutor privilegiado (o telespetador) nos olhos (isto é: na objetiva da câmara), para o reforçar a ficar atento” (Jespers, 1998: 123). O repórter de imagem deu alguns conselhos e motivou a continuar. Nesta reportagem estavam presentes

profissionais da SIC, TVI e Porto Canal, que observaram a simulação, o que levou a que a pressão fosse maior.

Duas semanas após iniciar o estágio, a coordenadora Sandra Sá Couto marcou reportagem para acompanhar uma jornalista à *Escritaria*, um evento literário que ocorre todos os anos em Penafiel para homenagear escritores. Era o ano da escritora Lúcia Jorge. Seria a jornalista Joana Martins responsável pela cobertura do acontecimento, tal como todos os assuntos culturais. A jornalista propôs à coordenadora que primeiro houvesse um acompanhamento à jornalista Sónia Silva, que iria mais cedo produzir um direto para o programa Portugal em Direto e assim seria possível simular o direto de estágio.

Antes de se proceder à gravação do direto, a equipa efetuou trabalho de produção: falar com as pessoas que iriam ser entrevistadas, explicar o que iriam perguntar e combinar de que forma as imagens seriam filmadas. O repórter de imagem, além de captar os vivos, recolhe também imagens para, posteriormente, pintar o direto na edição. Num falso direto é possível a montagem das imagens já que não acontecem em tempo real. É como que um pano de fundo exercido “através de imagens pré-gravadas, às quais se sobrepõem o discurso narrativo dos jornalistas ou às entrevistas” (Torres, 2006: 93).

No que concerne ao direto simulado de estágio acrescentou-se mais alguns tópicos no bloco de notas e perguntou-se ao Presidente da Câmara de Penafiel se seria possível entrevistá-lo num direto improvisado. Neste dia conseguiu-se fixar o olhar na câmara. Após descrito o ambiente em redor, caminhou-se para junto do Presidente da Câmara que respondeu às questões e por fim efetuou-se a conclusão. No entanto, após visualização das imagens já na redação, a jornalista Joana Martins disse que as respostas do entrevistado estavam muito longas e que se teria de efetuar mais perguntas durante a entrevista, de modo a tornar o direto mais dinâmico. “A nível informativo também se registaram alterações no sentido de tornar a atualidade mais apelativa” (Sena, 2011: 169).

No dia seguinte simulou-se igualmente um falso direto no Festival da Francesinha na Baixa do Porto de novo com a jornalista Sónia Silva e o repórter de imagem Pedro Gomes, que aconselharam a evidenciar sempre um sorriso para a câmara. Seria um direto, novamente para o Portugal em Direto, programa transmitido

de segunda a sexta, pelas dezoito horas na RTP1. Considera-se importante este género de conteúdo na grelha de programação do serviço público de televisão, já que se apresenta como um espaço informativo diferente. Noticia acontecimentos nacionais e possui uma maior proximidade com os telespetadores, com um registo de direto menos rígido e conta com a colaboração de todos os Centros Regionais da RTP existentes no país, o que permite chegar a locais mais recônditos. O Portugal em Direto procura dar notícias mais personalizadas, baseando-se em histórias diferentes, culturais e ligeiras.

Houve um direto também marcante, simulado em Moreira de Cónegos, com o repórter de imagem Paulo Gomes. O assunto era sobre o euro milhões e estava-se num quiosque, onde anos antes, o grande prémio tinha saído. No direto simulado de estágio, houve dificuldade em saber o que dizer no início do direto e no fim. O momento da entrevista é quando o jornalista descontraí mais, mas a introdução e a conclusão são os momentos de maior adrenalina. O operador Paulo Gomes aconselhou sempre a ter uma frase para o início do direto e outra para o fim, de modo a tornar estes dois momentos mais fáceis.

Foi o que aconteceu no direto simulado no Estádio do Dragão com o repórter de imagem João Oliveira. Este foi o que correu melhor e o que foi lançado no jornal final de estágio. Efetuou-se muita pesquisa ao nível futebolístico (muita leitura de jornais desportivos) e seguiu-se as técnicas aconselhadas pelo operador Paulo Gomes. Neste direto o operador João Oliveira referiu que considerava haver uma boa imagem para televisão e boa projeção de voz.

## 1.6. A manipulação das fontes

Durante o estágio foi observada a considerável manipulação que um jornalista está sujeito diante de determinadas fontes de informação, que se revolucionaram nos últimos anos, pois “elas produzem e controlam as informações que interessam ao jornalismo, e hoje fazem isso como forma competente de agir e interagir no mundo” (Chaparro, 2001: 30). Em várias reportagens esta questão foi encontrada e portanto transformou-se num ponto fundamental em análise.

Por exemplo, na reportagem sobre a Escritaria, no local estavam a assessora do evento e o Presidente da Câmara de Penafiel. Neste caso, verificou-se a relação entre assessores e jornalistas: os primeiros sempre a tentarem levar os segundos para o ângulo que mais lhes convém: é necessário estar muito atento aos interesses de quem é responsável pela comunicação e divulgação dos eventos.

Foi igualmente o que sucedeu no fim-de-semana do *Portugal Fashion*, um importante evento de moda. Nesta reportagem o assessor do evento esteve sempre presente junto dos jornalistas e muito facilmente conseguia desviar o foco da reportagem para onde lhe interessava. Aqui entra o poder de investigação do jornalista, constantemente perante a manipulação das fontes com discursos interessados e particulares. Apesar de se dever tirar proveito da competência destas, “há também que resistir à sedução dessa competência, cujo efeito danoso é a preguiça para o trabalho indispensável de investigar, comparar, aferir, conferir, aprofundar, em benefício da veracidade e da informação plena” (Chaparro; 2001: 30).

Grandim (2000) salienta que quando se fala de fontes, há que ter em atenção que, à medida que a importância e relevância social dos *media* foi crescendo, começaram a surgir fontes profissionais, especializadas em lidar com jornalistas. É o caso dos profissionais de relações públicas, tal como os assessores de imprensa — uns e outros muitas vezes recrutados entre ex-jornalistas experientes — os quais tudo farão para, ao constituírem-se como fontes, passarem através dos *media* determinadas mensagens.

Neste contexto, destaca-se ser a diferença entre fontes oficiais e não oficiais. Tópico este suscitado após a reportagem do homicídio em Esmoriz, em que a

jornalista deu mais relevância à informação dos bombeiros. As fontes oficiais ganham força perante as fontes menos fidedignas, pois a sua credibilidade não será posta em causa. Contudo, há uma ansia enorme para se ser o primeiro a dar a informação e de preferência, que seja sensacional. “O fator tempo é algo que conforma a notícia e que transcende a ação pessoal do jornalista, encontrando expressão nos constrangimentos sócio organizacionais e sócio económicos que condicionam o sistema jornalístico e na própria cultura profissional” (Sousa, 2000: 50).

## 1.7. Apresentação do Jornal em estúdio

Na RTP Porto é habitual os estagiários finalizarem o estágio com a apresentação de um pequeno jornal em estúdio, com a duração de quinze a vinte minutos, que contempla as melhores notícias de todos os temas, elaboradas ao longo dos meses de aprendizagem.

Pretende-se, nesta apresentação simulada, o mesmo que a RTP efetua diariamente: “a possibilidade de chegar a todas as pessoas, tornando-as iguais social e geograficamente, através da não inclusão do serviço, tanto numa dimensão técnica, como através de uma compreensão generalizada dos seus conteúdos. Mas é, igualmente, a transversalidade da programação, que terá o objetivo de ser o mais consumida possível pela audiência, devendo por isso incluir elementos que vão do popular ao mais cultural” (Santos, 2013: 104).

O estágio foi prolongado por mais um mês devido ao jornal final. Ainda se teria de editar algumas peças, melhorar outras e efetuar uma seleção de quais iriam ser apresentadas. Assim, decidiu-se em conjunto com o orientador Manuel Fernandes Silva, apresentar o jornal a 12 de janeiro e não a 19 de dezembro, data de final de estágio estipulada no contrato.

Assim, em janeiro reajustaram-se peças e selecionaram-se algumas das notícias gravadas em cassete. Só se poderia escolher cinco notícias de temas diferentes e um direto. Optou-se por escolher uma peça de política, de economia, moda, saúde, sociedade e um direto de desporto.

Após acertar os toques finais, chegou o dia. O orientador ajudou na elaboração do alinhamento do jornal e marcou a apresentação para as 17 horas com a realizadora Fátima Andrade. Após rever o alinhamento, colocar os oráculos e escrever os títulos e subtítulos das notícias, passou-se à maquilhagem e cabeleireiro. “O jornalista de televisão recorre a características pessoais que nada têm a ver com qualidades profissionais: timbre de voz, dicção, atitude face à câmara, características físicas, expressão do rosto e do corpo, carisma” (Jespers, 1998: 85).

Já em estúdio várias câmaras captavam em diferentes ângulos de visão, em conjunto com o teleponto, vários ecrãs, muitas pessoas de um lado para o outro e a



cadeira, onde os *pivots* apresentam, todos os dias, o Jornal da Tarde e os noticiários da RTP Informação.

Inicialmente teve de existir uma ambientação ao pedal do teleponto, ao auricular, ao microfone, “arranja o cabelo”, “endireita-te na cadeira” e os vários ecrãs. Um mundo totalmente novo. Uma sensação de adrenalina e nervosismo. Ouvia-se constantemente informações da régie pelo auricular. Segundos antes da notícia acabar de ser emitida, na régie iam contando os segundos que faltavam até começar a ler de novo o texto de *pivot*.

Apesar dos nervos, houve um *feedback* positivo da régie: “Bom trabalho”. Ser *pivot* nunca fez parte das ambições, já que é preferível improvisar e sentir a adrenalina de um direto. No entanto, foi uma enorme aprendizagem sentir todo o processo que um *pivot* passa durante a apresentação de um jornal televisivo. É possível aprender a postura em estúdio, ler o teleponto sob pressão e toda uma série de constrangimentos sentidos, sobretudo, o tempo. Não poderão existir falhas, nem um segundo poderá atrasar, no que toca à transmissão de um programa informativo.

## 1.8. A importância da formação académica: análise reflexiva

O caminho trilhado no mundo do jornalismo iniciou muito cedo. A curiosidade, a paixão pela escrita e o trabalho em equipa sempre estiveram presentes na formação enquanto estudante. No ensino superior aprende-se bastante, tanto na teoria, como na prática, mas não é o suficiente para a consolidação de um futuro jornalista. É necessário a inserção em diversas atividades que melhorem a forma de visualizar o mundo e de adquirir diversos tipos de competências comunicacionais e sociais. Um jornalista deve, acima de tudo, ser interessado por diversas temáticas e estabelecer relações cordiais com os colegas e as fontes de informação.

É uma profissão que exige muitas horas e muita dedicação. O jornalismo é composto de personagens e histórias, com a vantagem de serem reais e todos os dias serem diferentes, pois ser jornalista é, portanto, “ser historiador do tempo presente” (Andrade, 2007, 31). É um enorme desafio e um mundo muito competitivo. É necessário possuir cultura geral e elevadas capacidades profissionais. Exige compromissos éticos e pro-atividade.

O estágio na RTP assumiu-se como uma etapa fundamental para compreender melhor a vertente teórica ensinada nas aulas, já que temáticas como rotinas produtivas, por exemplo, fizeram muito mais sentido após serem vivenciadas na prática. No Mestrado de Comunicação e Jornalismo são lecionadas unidades curriculares com temas diversos, que enriqueceram a cultura geral e também disciplinas práticas, nomeadamente na área televisiva, que se assumiram como um excelente treino para enfrentar o contacto com o mundo profissional. De salientar ainda que durante o Mestrado houve também um aumento de conhecimentos em idiomas como o alemão, o espanhol e o inglês, aspetos fundamentais para comunicar com fontes de informação e para a execução de notícias internacionais.

Após quatro anos a estudar os *media*, o estágio curricular possibilitou a observação da forma de trabalhar dos profissionais de informação: ingredientes fundamentais no início do exercício desta profissão. Colocar em prática o legado marcado pelas aulas, principalmente no que concerne a aspetos éticos e aspetos técnicos, foi essencial.

No percurso académico e nas atividades extracurriculares efetuam-se imensos e diversos exercícios, mas a real noção do mundo do jornalismo só se obtém quando se entra numa redação de um órgão de comunicação social e se vai aprendendo todos os dias. É necessário o “saber fazer”: lidar com a pressão do tempo, com os ângulos de abordagem impostos pelos coordenadores, a dificuldade de aceder às fontes de informação e a manipulação informativa a que um jornalista está sujeito face aos assessores.

Nem sempre foi fácil. É um mundo muito competitivo, principalmente em televisão, cuja imagem e postura dos próprios jornalistas está em constante análise. O estágio na RTP foi uma excelente oportunidade e possibilitou um olhar aprofundado sob o trabalho informativo em televisão. Compreendeu-se a dinâmica de produção jornalística e a construção noticiosa inerente a qualquer reportagem. Ganharam-se aptidões que não teriam sido possíveis sem o estágio na RTP.

Em suma, um jornalista terá de possuir uma certa dose de loucura e predisposição para a curiosidade. “Os filósofos chamavam a isto capacidade de assombro, e implica uma certa ingenuidade de espírito, um amor ao novo, um estar disposto a deixar-se surpreender a cada manhã” (Cebrián, 1998: 14).

## 2. SAÚDE E INFORMAÇÃO TELEVISIVA

*“Hoje, a televisão é o grande templo da ritualidade moderna: templo da representação, da verdade e da legitimidade social”*(Fernandes, 2001: 39).

Durante os meses na RTP efetuaram-se diversas rotinas jornalísticas e foi por acaso que o estágio decorreu durante os surtos de epidemia do ébola e *legionella* que criaram um enorme impacto na opinião pública, devido à intensa cobertura informativa efetuada durante os surtos. Desta forma, houve uma atenção para notícias sobre saúde, o que originou a escolha do estudo de caso relacionado com as epidemias e a forma como são tratadas pelos *media*. O objetivo principal é analisar de que forma os *media* televisivos tratam estas temáticas e como a construção noticiosa poderá afetar os padrões mentais dos telespetadores.

Assim, o raciocínio será organizado da seguinte forma: será analisada a construção noticiosa de notícias sobre o ébola e o *legionella*, com recurso a exemplos, em comparação ao discurso de uma notícia sobre o cancro da mama, abordada de uma forma mais tranquila. Quais os motivos que levarão os *media* a abordar os surtos como espetáculo televisivo e o cancro da mama de uma forma mais pedagógica? Esta questão será respondida no capítulo 2.5. Além disso, será elaborada uma abordagem sobre a importância da literacia dos indivíduos.

Assume-se como uma verdade incontestável, que durante o período dos surtos, o alinhamento dos noticiários da RTP apresentava constantemente notícias de abertura do vírus *legionella* ou doença do legionário. Quanto ao ébola foram elaboradas muitas notícias que semearam um verdadeiro sentimento de pânico entre os telespetadores.

Os *media* televisivos exercem um poder enorme na área da saúde e na forma como têm vindo a construir, cada vez mais, a realidade cognitiva dos indivíduos relativamente a esta temática, recortando e selecionando discursos de diferentes atores sociais. Assim, os noticiários “mostram que as notícias contribuíram para conformar a realidade sócio sanitária da saúde” (Rangel, 2003: 13). Além disso, partindo do pressuposto de que os *media* exercem consequências cognitivas nos

indivíduos, há que perceber os seus efeitos não a curto prazo, mas a longo prazo “no modo como o destinatário organiza a sua imagem” (Fernandes, 2001: 42).

Quanto mais os *media* moldam a forma de visualizar o mundo, mais o campo da saúde e do jornalismo se interligam, a maior parte das vezes com pretextos educativos, já que há cada vez mais uma “necessidade de combater a ignorância e permitir maior acesso às informações neste campo de conhecimento” (Bortoliero, 2004: 2). Apesar disso, tem-se vindo a fazer uso do poder que a saúde exerce na captação de audiências. Assuntos sobre epidemias são sempre vistos como algo que desperta o interesse público.

*“A televisão opera como o meio mais eficaz para o desenvolvimento desta influência sobre a construção do meio, na medida em que não dispõe de demasiado espaço para as informações, pelo que determina uma maior concentração em algumas notícias que, por sua vez, são escolhidas pela sua capacidade de chamar a atenção do público (determinando o valor notícia), e acompanhando a informação com imagens que suscitam a emoção e dramatizam os conflitos”*  
(Saperas, 1993: 46)

Com a construção noticiosa, que engloba todas as rotinas jornalísticas e os “óculos” específicos dos profissionais de informação, muitas ideias são transmitidas a quem capta a mensagem, pois os meios de comunicação influenciam “as imagens mentais criadas nas mentes das pessoas sobre os eventos que acontecem no mundo em torno delas” (Cardoso e Navarro, 2014: 261). E quem recebe a mensagem logo trata de contar a *estória*: a discussão interpessoal também é um fator fundamental para a formação das agendas temáticas. Só que o reflexo daquilo que é contado nunca será igual ao reflexo captado pela primeira vez. Além disso, as próprias fontes de informação também transmitem uma ideia, muitas vezes, alarmista daquilo que poderia ser uma simples troca de conhecimentos.

A pare de toda esta influência, a ciência assume um papel primordial nos dias de hoje, principalmente pelas inovações que permitem a melhoria dos tratamentos, como é o caso do aumento da esperança média de vida no cancro da mama. Vive-se na era “das novas tecnologias da comunicação e de inúmeras descobertas científicas, no campo da medicina, que prolongam consideravelmente a expectativa de vida da

população no planeta” (Bortoliero, 2004: 3). E enquanto a ciência avança, novas doenças vão surgindo como uma avalanche.

O que transforma determinadas doenças/infeções em novidade é o foco constante que se efetua sobre elas e, acima de tudo, a capacidade que os órgãos de comunicação social têm para conseguirem aceder a imagens de qualquer parte do mundo e a fontes de informação especializadas, que surgem numa tentativa de “combate ao mal sanitário infeccioso, sobretudo quando são promovidas iniciativas para barrar o avanço da doença” (Ferraz e Gomes, 2012: 11).

Os *media* televisivos conseguem transformar a competição pelas audiências, no reflexo da realidade transmitida e em ideias de medo que afetam a forma do telespetador visualizar as temáticas que poderão colocar a saúde em risco. “Os efeitos cognitivos são reconhecíveis quando se produz uma semelhança entre a agenda dos meios de comunicação e a agenda pública, posto que os indivíduos da audiência aceitaram como seus os temas propostos pelos *media*” (Saperas, 1993: 72). A culpa não será também dos próprios telespetadores? Esta é uma questão que será respondida neste capítulo.

## 2.1. Ébola

*“A manifestação atual do Ébola expressa um impacto que é apresentado pelos media como ameaça à humanidade, contribuindo para gerar na sociedade apreensões e o medo”* (Cardoso e Navarro, 2014: 1).

O ébola é uma das doenças com maior taxa de mortalidade que atinge a África Ocidental desde março de 2014. Entre esse mês e outubro do mesmo ano mais de cinco mil pessoas faleceram atingidas pelo vírus. Considerada a maior epidemia da história, o primeiro surto da doença ocorreu em 1976. Surgiu em *Nzara*, no Sudão, e em *Yambuku*, na República Democrática do Congo, região próxima do Rio Ébola, daí o nome da doença. Apesar de mais de duas décadas sem surtos, o vírus permaneceu ativo, sem que esta realidade tenha suscitado o interesse dos *media*. No entanto, o surto iniciado em março superou todos os outros no número de mortos, expandindo-se muito rapidamente. “Cruzou fronteiras e envolveu várias regiões em países diferentes, abrangendo uma área geográfica muito maior do que os surtos anteriores” (Cardoso e Navarro, 2014: 262). Foi caracterizado constantemente pelos *media* como um risco potencial para a saúde pública e para o ambiente, com difícil grau de contenção.

O hospedeiro natural do vírus é o morcego frutívoro, que desempenha um papel fundamental na sua transmissão para outros animais e seres humanos. Como o vírus necessita de células para permanecer ativo, é muito fácil a propagação. O ser humano é contagiado quando entra em contacto com o hospedeiro infetado, normalmente chimpanzés, gorilas, morcegos, porcos-espinhos encontrados mortos nas florestas. Quando o indivíduo é infetado pode transmitir o vírus ébola a outras pessoas através do contacto próximo. No entanto, não é uma doença transmitida através do ar. A transmissão só é possível na presença de sangue, secreções ou outros fluídos corporais da pessoa infetada. No entanto, o contágio somente ocorre na fase em que o paciente já apresenta sintomas da doença.

Outro fator de transmissão do ébola ocorre nos rituais fúnebres das comunidades afetadas pelo vírus, pois ficam em contato direto com os cadáveres: tocam e lavam o corpo, como que num gesto de amor pela pessoa envolvida. O

problema é que o vírus é altamente contagioso nas últimas horas da morte e o risco de contágio através do cadáver é muito superior. Além disso, muitos profissionais de saúde foram infectados enquanto cuidavam de pacientes com a doença, principalmente no início da epidemia, quando ainda não estavam totalmente acionados os meios de segurança ao nível de tratamentos médicos.

O vírus ébola caracteriza-se pelo aparecimento súbito de febre e sintomas como mal-estar, fraqueza, dor de cabeça, dor de garganta, dor muscular, inflamação na garganta. Após os sintomas iniciais aparecem vômitos, diarreia, deficiência nas funções renais e em alguns casos sangramentos internos e externos. O agravamento dos sintomas é progressivo e extremamente rápido. O óbito do paciente ocorre geralmente na segunda semana da doença e possui um período de incubação de dois a 21 dias. “A epidemia causada pelo vírus ébola em alguns países africanos configura uma real preocupação em termos mundiais, por se tratar do risco de agentes etiológicos novos, pouco conhecidos, de alta letalidade que se propagam e se tornam eventos pandêmicos” (Cardoso e Navarro, 2014: 260).

O início da cobertura jornalística sobre esta epidemia ocorreu com o contágio de dois cidadãos americanos e de um padre espanhol, enfatizando também o sucesso do recurso terapêutico experimental por meio da utilização da droga *ZMapp*.



## 2.2. Doença do legionário

A doença do legionário ou *legionella* trata-se de outro surto pandémico ocorrido em Vila Franca de Xira no período compreendido entre 7 de novembro a 21 de novembro de 2014. De acordo com a observação efetuada durante o estágio, enquanto não se detetou a fonte da infeção, a avalanche de notícias não cessou nos noticiários da RTP. Descobriu-se entretanto que as bactérias estariam isoladas numa das torres de arrefecimento de uma fábrica em Vila Franca de Xira. Foram registados 375 casos durante este período e 12 óbitos. O alarmismo por parte dos *media* foi constante. Viveu-se na redação um período de incerteza em relação à origem da bactéria. O princípio da incerteza é, para Baudrillard (1992), o que orienta o mundo da pós-modernidade, levando as massas a se colocarem além da certeza e da banalidade inexorável dos números.

Esta doença é uma pneumonia bacteriana grave provocada por bactérias do género *Legionella pneumophila*. De acordo com um boletim da Organização Mundial de Saúde, a bactéria surgiu em Portugal, pela primeira vez, em 1979. Ocorre geralmente nos meses de verão e outono, de forma esporádica em surtos epidémicos. Poderá encontrar-se em ambientes aquáticos naturais, como lagos e rios e também poderá surgir em sistemas artificiais de abastecimento de água, como redes de grandes edifícios, sempre que haja condições favoráveis para a sua multiplicação. De acordo com estudos laboratoriais, o agente infeccioso situa-se preferencialmente na água quente sanitária, nos sistemas de ar condicionado, como torres de arrefecimento ou humidificadores, nos aparelhos aerossóis ou nas fontes decorativas.

Esta bactéria já ficou isolada em redes de abastecimento de água, onde consegue sobreviver muitos meses. As torneiras de água quente e fria, assim como chuveiros são fontes de propagação de aerossóis bacterianos. A pneumonia transmite-se apenas por via respiratória, com a inalação de gotículas de água (aerossóis) contaminados pela bactéria. Não é possível o contágio de pessoa para pessoa, nem através da ingestão de água contaminada.

Segundo dados clínicos, cinco ou seis dias após o indivíduo inalar a bactéria surgem as primeiras manifestações. É o designado de período de incubação. Os sintomas desta pneumonia são idênticos aos da gripe. Destacam-se febre alta,

problemas respiratórios, vômitos, dores de cabeça e de corpo, diarreia, tosse, urina com sangue e alguma confusão mental.

O surto grave da doença do legionário tem cura através de antibióticos e foi controlado em apenas duas semanas.

### 2.3. Epidemia como forma de espetáculo noticioso

*“Falar de epidemia remete-nos à desordem causada pelo carácter accidental da doença em larga escala na população, provocando mortes e afetando a rotina das cidades”*

(Luiz Ferraz e Maria Gomes: 2012: 3).

Durante os surtos pandémicos do ébola e *legionella* verificou-se uma dupla corrida à audiência e uma ideia de pânico transmitida ao telespetador, que visualizou estas doenças como altamente contagiosas. Começaram-se a expandir padrões mentais através dos *media*, que criaram efeitos negativos e até exagerados na opinião pública.

Os *media* assumem uma capacidade enorme de influencia nas ideias dos cidadãos através da projeção de certos acontecimentos de forma repetida. De acordo com Saperas (1993:56) quanto maior for a ênfase dos *media* sobre um tema, maior será o incremento da importância que os membros de uma audiência atribuem a esse tema enquanto orientadores da atenção pública. O agendamento dos *media* é proporcional à agenda da opinião pública, de acordo com a Teoria do Agendamento. “A televisão pode ser considerada um meio de destaque na vida das pessoas. Ela é um dos meios de comunicação responsáveis pela discussão de assuntos entre a sociedade. É comum encontrar pessoas a conversas sobre temas apresentados na televisão” (Negrini e Tondo, 2006: 37). O que acontece é que quando um assunto é noticiado, é rececionado e logo os telespetadores tratam de contar a mais pessoas.

*Isso dá motivo de conversa, fomenta comentários e, eventualmente inicia uma discussão. Mas o singular nesse processo é que, no momento em que a discussão começa, o acontecimento em discussão deixa de ser notícia, e, enquanto interpretações divergentes de um acontecimento, as discussões deslocam-se da notícia que as motivou para as questões que originaram a própria notícia. (Esteves, 2002: 41)*

Os *media* televisivos usam e abusam, cada vez mais, dos assuntos pandémicos de modo a privilegiar polémicas, mesmo que involuntariamente. É verdade que a televisão pública deverá assumir um papel objetivo e educativo no seio da sociedade, mas também dispõe de critérios noticiosos e necessita de atrair audiências. Assim, a emotividade tem vindo a ser apreendida, cada vez mais, sem mediação. “Abandonou-se o objetivo cívico e pedagógico, para abraçar-se a hiperemotividade. A imagem é promovida a espetáculo” (Sena, 2011: 53).

Em informação televisiva será muito fácil transmitir notícias espetáculo através do poder da imagem, um excelente vetor de emoção. “A espetacularização é uma das formas de atrair a atenção do telespetador, atuando na produção de sentidos (Negrini e Tondo, 2006: 37). No entanto, assume-se como um problema enorme para o raciocínio lógico. Tem-se vindo a “sobrevalorizar o registo do emocional: o sangue, o infanticídio, a decomposição dos corpos, a copulação, o desespero, a doença, a fealdade e o ódio deixaram de ser tabus” (Jespers, 1998: 73).

Neste panorama, capta-se o óbvio, o emocionante e sensibiliza-se os telespetadores, mostrando imagens e fazendo ouvir sons de acordo com essas mesmas imagens. De acordo com o Jespers (1998: 68) a televisão tem a propriedade de transformar qualquer realidade, qualquer conceito ou discurso em espetáculo. Também segundo Wolton (apud Negrini e Tondo, 2006: 36) a televisão é um espetáculo de um género particular, destinado a um público imenso anónimo e heterogéneo, inseparável de uma programação que garante uma oferta contínua de imagens e de género de *status* diferentes.

“A televisão é um espelho, certamente deformador, e uma lupa, forçosamente ampliadora, da realidade, mas é a única janela sobre o mundo para milhares de pessoas” (Woodrow, 1996: 220). É muito fácil os indivíduos adquirirem crenças sobre o mundo através do discurso de um *media* que lhes entra pela casa todos os dias. De acordo com Dijk (2005) os recetores tendem a aceitar as opiniões

vindas de uma fonte credível e de confiança, como os profissionais dos *media* de referência.

Relativamente aos critérios de influência em informação, um deles é a repetição. Na grelha de alinhamento dos noticiários, repetiram-se e alargaram-se estórias sobre estas epidemias. Os recursos aos diretos televisivos também foram evidentes para salientar a importância que aquele assunto deveria suscitar no telespetador. “A televisão tem, por isso, o poder de transformar um acontecimento no assunto central do planeta, podendo mesmo compelir a diversas estruturas políticas e governativas a atuar ou simplesmente a reagir (Sena, 2011: 52). No entanto, o pânico do telespetador aumentou quanto mais ia crescendo o número de casos, que foi vertiginoso e transmitiu aos indivíduos uma sensação de impotência. Como defendem Ferraz e Gomes (2012: 7), quanto mais os casos de morte, mais existe uma ideia de descontrolo e é aí que a notícia ganha mais folego nos noticiários. A morte é a essência da tragédia televisiva.

Além disso, os casos aproximaram-se geograficamente, o que transmitiu uma ideia de perigo iminente e um princípio da incerteza, de que a doença está mais próxima, cada vez mais, sem qualquer controlo. Todos os equipamentos médicos foram acionados nos hospitais públicos portugueses para combater uma eventual chegada da epidemia ao país. O fator geográfico criou um impacto incrível no que concerne ao agendamento noticioso e à receção da mensagem pelos telespetadores. “Há fatores intermediários que afetam mais os efeitos que a agenda tem na opinião pública: o quadro temporal (duração da exposição) e proximidade geográfica do tema relativo aos membros da audiência” (Saperas, 1993: 74).

O jornalista relata os fatos, quer através de notícias, quer através de diretos. É um autor-historiador da narrativa. Segundo Rangel (2003), na cobertura jornalística aparecem vozes de atores sociais empenhados em interpretar a situação e até mesmo a reação dos outros face ao acontecimento. “A presença de depoimentos é comum quando a notícia possui grande repercussão na sociedade, procurando sempre mobilizar o caráter emotivo no telespetador” (Negrini e Tondo, 2006: 38). O jornalista busca todos os dados recolhidos sobre as doenças e transmite as notícias. No entanto, não podem ser descorados os seus padrões mentais específicos e os seus

óculos jornalísticos com determinados critérios. “Dizer que uma notícia é uma estória não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o facto da notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna” (Tuchaman 1976/1993 apud Traquina, 2004: 15).

Todas estas mensagens veiculadas pelos *media* televisivos criam um impacto não só nos padrões mentais dos indivíduos, mas também no aumento da exclusão social dos grupos minoritários. Santos (2012) defende que o pensamento público não está ligado a interesses minoritários, mas dos mais poderosos que avaliam a sociedade, de acordo com o benefício que poderão retirar dela. “A televisão, o médium sempre preferido por este tipo de análise, constrói, de acordo com esta abordagem, uma imagem da realidade (...) Toda a nossa interação posterior com as coisas é baseada no conjunto de pré-conceitos adquiridos de acordo com esta realidade mediaticamente construída” (Damásio, 2001: 174).

## 2.4. O impacto no telespectador

De acordo com Esteves (2002) notícias são acontecimentos que trazem mudanças súbitas e decisivas à sociedade. O ébola e a doença do legionário são exemplos disso.

Como já referido, os *media* usaram e abusaram deste assunto nos seus noticiários, o que levou a um enorme sentimento de pânico por parte dos telespetadores. Todos os dias iam sendo bombardeados com mais informações sobre o vírus ébola. Criava-se, cada vez mais, a ideia de que se tratava de algo que colocaria em risco a sua segurança. “Uma ementa demasiado rica em hemoglobina não é forçosamente a melhor maneira de sensibilizar as pessoas para a tragédia da condição humana. Antes pelo contrário, acumular horrores atrás de horrores e servi-los ao telespectador impotente para o remediar, acaba por embotar as suas reações” (Woodrow, 1996: 146).

Este sentimento de impotência por parte dos cidadãos deve-se muito à distância a que se encontram da situação. Distância física apenas, já que a de carácter psicológica praticamente é inexistente, devido ao poder que a imagem tem em terminar com esta aos poucos. “A imediata propagação do fato é um fenómeno do mundo contemporâneo. A sofisticação das tecnologias de informação em tempo real é uma das características do mundo globalizado” (Cardoso e Navarro, 2014: 260).

A objetividade do olhar não existe. Principalmente quando se está a competir com canais privados, há que continuar com a ideologia noticiosa veiculada nesses mesmos canais, para não existir uma perda de telespetadores. Trata-se de uma unificação do pensamento. Indivíduos africanos passaram a ser alvo de xenofobia, vistos como um símbolo de perigo para a propagação do ébola. No decorrer do estágio, durante a edição de uma pequena notícia por parte de uma jornalista, eram explicados os sintomas do vírus com recurso a um sujeito fictício de nacionalidade africana. Demonstrou-se assim que os próprios jornalistas fomentam preconceitos e os transmitem, subtilmente, ao telespetador. Este unanimismo mental esconde o grande problema de manipulação que a televisão exerce na sociedade.

Com a crescente propagação de informação e a forma que os *media* usam para suscitar a atenção da audiência, ocorre um pensamento unitário sobre a doença. A televisão tende, cada vez mais, a transmitir uma visão do mundo que não fomenta a coesão social, para conseguir corresponder à maioria dos preconceitos dos telespetadores (Jespers, 1998: 82). Os *media* divulgam assim uma ideia simplista do mundo, sem contrastes. “Com efeito, a televisão transporta uma representação particular do real (que se pretende objetiva), designando-a implicitamente como o próprio real, ou pelo menos como a sua única representação legítima” (Jespers, 1998: 83).



## 2.5. Gestão dos *media* na situação de crise

*“Tal como as pessoas, as sociedades raramente vivem situações de equilíbrio.*

*Os desequilíbrios são o motor da transformação social”* (Santos, 2012: 24).

Perante as situações de desequilíbrio vividas pelas sociedades, os *media* surgem sempre como veículos de ideais de luta contra a morte e não-aceitação da doença, numa busca incessante pelo seu combate. Assim nas notícias a “orientação da narrativa sintetiza a luta contra uma doença potencialmente mortal (...) acometendo a todos, independentemente da classe social” (Ferraz e Gomes, 2012: 11).

Riscos pandêmicos colocam enormes desafios à saúde pública e ao ambiente e, desta forma, os meios de comunicação surgem, através de um discurso preventivo à população e com recurso a especialistas, ao transmitirem informações que dão possibilidades de controlo do surto, “sobretudo através dos recursos oferecidos pela pesquisa científica, pela biossegurança e pela articulação global de políticas de saúde” (Cardoso e Navarro, 2014: 258). Em relação ao vírus ébola, assume-me como um desafio ainda maior para a comunidade médica, já que se tenta controlar a doença numa das áreas mais pobres do mundo e esmieuça a força de trabalho disponível.

Através dos *media* televisivos as informações têm o objetivo estimular ações preventivas, que possam reduzir o impacto da doença na população. “É por meio da comunicação que as informações sobre a doença, disseminação, prevenção e controle serão amplamente difundidas na sociedade (Cardoso e Navarro, 2014: 260). No entanto, ao mesmo tempo que os próprios *media* tentam tranquilizar o telespetador, foram eles mesmos que geraram um sentimento de apreensão. Fazem lembrar o comportamento de um manipulador que necessita de gerar sentimentos negativos nos outro para depois os reconfortar, para sentir uma sensação de poder.

Durante muitos séculos a produção de riscos teve pouco ou nada a ver com a proteção contra os riscos. Nos últimos duzentos anos, à medida que se foi caminhando para uma sociedade totalmente administrada, a produção do risco e a proteção contra ele foram-se vinculando mais e

mais uma à outra. Ou seja, as instâncias que produziram o risco foram as mesmas a que se recorreu para proteger contra o risco (Santos, 2012: 25).

No que concerne ao recurso a especialistas, transmite-se uma ideia de segurança ao telespetadores, pois trata-se de fontes oficiais. Neste contexto, e de acordo com observação efetuada no local de estágio, os peritos são muito bem escolhidos, pois recorre-se aos médicos que estão mais bem integrados no seio da comunidade médica e que mantêm mais contactos, estando portanto, mais atualizados cientificamente (mantêm contacto com pessoas com opinião na área em que exercem a sua liderança). “Os médicos que estão integrados sentem maior segurança quando enfrentam os riscos da inovação médica” (Esteves, 2002: 70). São os mencionados como líderes de opinião entre os médicos praticantes e que transmitem informação relevante através da comunicação social. A função dos *media* é estabelecer uma ligação entre todos os grupos sociais e o meio especializado com conhecimentos sobre a doença.

A verdade é que as fontes oficiais fornecem informação já tratada de uma forma rentável, oportuna e credível. Parece que os jornalistas usam essas fontes como capa de salvaguarda da neutralidade, deixando-se arrastar na maioria das vezes na corrente e não exercem o papel devido, como cães de guarda da sociedade. Afinal se dão voz a grupos mais poderosos e não a outros, a suposta objetividade jornalística que tanto se defende, ficará ainda mais longe de existir. Os grupos mais poderosos controlam o discurso dos *media*, ou seja, conseguem controlar as mentes dos membros de outros grupos. “Se o controlo do discurso é uma forma maior de poder, controlar a mente das pessoas é outro modo fundamental para reproduzir a dominância e hegemonia” (Van Dijk 2005: 26).

Quando ocorrem epidemias a comunicação social responsabiliza o cidadão para que a doença não se propague, através do cumprimento de medidas de segurança de alerta que previnam o aumento de número de casos. A dificuldade do Estado em garantir proteção do indivíduo relativamente à epidemia revela o poder público como um herói falhado, “que não é capaz de dar conta do seu dever de controlar a proliferação da doença, no território em que administra. Por isso mesmo,

o discurso da corresponsabilidade parece ser importante nos dias de hoje, levando o cidadão a pensar na sua proteção e na da comunidade em que vive, às vezes numa perspectiva individualista” (Ferraz e Gomes, 2012: 15).

Na doença do legionário recomendou-se aos cidadãos que não utilizassem água da rede pública de abastecimento. A partir do dia 9 de novembro, por precaução, mandou-se suspender o funcionamento das torres de arrefecimento das unidades fabris suspeitas de serem as fontes de contaminação, já que teriam revelado resultados positivos quanto à presença da bactéria *Legionella* nas amostras recolhidas pelas autoridades de saúde no dia anterior. Quanto à rede de abastecimento de água, foram recolhidas amostras de água em três habitações de pacientes com *Legionella*, na área de maior densidade das ocorrências. Mas não foi detetada a presença de *Legionella pneumophila* nas amostras recolhidas nas torneiras da cozinha e nos chuveiros.

No dia 13 de novembro, tinha já sido suspenso o funcionamento das torres de arrefecimento que indiciavam contaminação com a bactéria *Legionella* de todas as unidades fabris consideradas suspeitas. Durante este período de tempo a comunicação social manteve os cidadãos informados sobre toda a evolução do surto. Isto auxiliou a que se mobilizassem recursos a nível de empresas e população em geral para a resolução do conflito. Além de que o Hospital de Vila Franca de Xira, em termos de acesso, tratamento e encaminhamento de pacientes, revelou muita eficiência para que a epidemia fosse tratada em apenas duas semanas.

De salientar que se recorreu durante este período a várias notícias, diretos e entrevistas não só a peritos na área científica que explicassem concretamente a bactéria, mas também foram entrevistados familiares dos pacientes internados, já que existia um risco generalizado de contágio e eles eram os principais afetados. “O cidadão, o paciente e o ex-paciente são autorizados a falar com mais frequência nos momentos de maior vulnerabilidade da epidemia” (Ferraz e Gomes, 2012: 16).

Quanto ao vírus ébola foram acionados em várias Unidades de Saúde Portuguesas medidas de segurança, com quartos de isolamento para possíveis pacientes infetados. Era necessário os doentes permanecerem isolados, de modo a não se contagiar outras pessoas e se evitar infeções maiores. Todos os médicos e

enfermeiros passaram a usar roupas especiais de borracha. Deveriam retirá-las e esteriliza-las logo após o contacto com o infetado. Procedeu-se à limpeza e desinfeção das superfícies e ambientes utilizados pelos pacientes.

O medicamento para tratamento deste vírus, ainda está a ser estudado por pesquisadores científicos. Apesar do vírus ébola ser extremamente perigoso e mortal, o corpo humano é capaz de combater o vírus se as funções do organismo foram mantidas estáveis. Algumas medidas de proteção foram transmitidas pelos *media*, como por exemplo lavar as mãos diariamente e, em caso de possíveis sintomas suspeitos, contactar de imediato a Linha de Saúde 24.

## 2.6. Estudo de caso

Durante o processo de estágio foram elaboradas notícias sobre ambos os surtos, em acompanhamento dos jornalistas responsáveis pela cobertura noticiosa. Foi efetuada, igualmente, uma notícia sobre o cancro da mama. As notícias escolhidas servem apenas de base para o interesse que a temática desperta.

Os principais objetivos serão analisar os enunciados construídos, a partir da análise do discurso. Por fim, efetuar-se-á uma comparação entre diferentes abordagens no âmbito da saúde. Isto é, comparar a forma como as notícias das epidemias são construídas e a notícia do cancro da mama, compreendendo os motivos para eventuais diferenças.

Desta forma, metodologicamente, as notícias serão analisadas a partir dos seguintes conceitos: o modo de construção dos protagonistas na notícia, quais as fontes utilizadas em discurso direto e de que forma, verificar as afirmações que transmitam ideais de pânico ou pedagogia, o carácter dos verbos e adjetivos utilizados e a forma como começam e terminam as notícias (sequência). Por fim serão apresentadas as devidas conclusões.

De seguida é apresentada a notícia sobre o vírus ébola.

Pivot:

*O Diretor Geral de Saúde avisa que em caso de suspeita de ébola, as pessoas contactem a Linha de Saúde 24. Uma forma de prevenir o contágio e não se deslocarem de imediato às urgências.*

Peça:

*A mulher de quarenta e cinco anos deslocou-se ao Hospital de São João. Usou transportes públicos. Vinha de um hospital privado. Uma decisão errada sem medidas de segurança. O risco de contágio é elevado para outras pessoas.*

*Vivo (Francisco George): “É preciso utilizar a linha telefónica de Saúde 24 que é muito fácil de memorizar, porque está 24 horas em funcionamento. Pelo telefone é mais seguro organizar o apoio, o suporte e o transporte para o hospital”.*

*À linha de Saúde 24 chegam poucas chamadas relacionadas com o ébola.*

*Vivo (Enfermeiro Sérgio Gomes): “Nós gostaríamos que os cidadãos portugueses utilizassem a linha de Saúde 24 nestas situações. Somos de rápido acesso. São atendidos em cinco segundos por um enfermeiro”*

*A Direção Geral de Saúde alerta para não se entrar em pânico no caso de suspeita.*

*Vivo (Diretor Geral de Saúde): “ Há uma ansiedade coletiva que não é saudável. É preciso que a população reconheça que as autoridades de saúde estão atentas a este problema e Portugal dispõe de um plano que tem sido devidamente testado”.*

*No caso de febres altas, vômitos e dores musculares...convém lembrar que é necessário ter estado três semanas num país africano. Este é o quinto caso de suspeita do vírus em Portugal.*

Em primeiro lugar, há que salientar que sem domínio do saber, é impossível o telespetador entender o discurso jornalístico. Na notícia é referido o ébola, sem o explicar, partindo-se do pressuposto que já se sabe do que se trata. É a memória do discurso que é necessária, pois esta assume-se como uma narrativa que se acrescenta a todas as outras anteriores. “Para que uma palavra faça sentido é preciso que ela já tenha sentido. Essa impressão de significar deriva do que se tem chamado interdiscurso. Isto é, o domínio do saber discursivo, o da sua memória, aquele que sustenta o dizer numa estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história dos sentidos” (Ferraz e Gomes, 2012: 5). As cognições sociais e consequentes representações mentais retidas na memória são fundamentais para que o discurso textual faça sentido. As palavras, frases e outras expressões textuais são aplicadas em proposições com base num conhecimento já comum.

No que respeita à enunciação da notícia, a personagem principal é personificada por uma mulher de quarenta e cinco anos, que se deslocou ao Hospital de São João: “uma atitude errada, sem medidas de segurança. Um risco de contágio elevado para as outras pessoas”. Há uma caracterização indireta elaborada a partir

dos seus atos e reações perante os outros, que se vai transformando num conjunto de características significativas a nível psicológico, ideológico, cultural ou social.

A verdade é que há uma construção da protagonista que leva a pensar nesta como cometendo uma ação desestabilizadora. «A nossa gente tende a aparecer primordialmente como ator quando os atos são bons, e a deles quando os atos são maus, e vice-versa» (Van Dijk, 2005: 197) e a verdade é que os jornalistas tendem a estar do lado ideológico das fontes institucionais, neste caso os peritos de saúde. Deste modo, a construção das personagens será influenciada para que as ações positivas sejam para as entidades institucionais.

Por isso é que surgem em discurso direto o Diretor Geral de Saúde Francisco George e o enfermeiro Sérgio Gomes a apelarem à população para utilizarem a Linha de Saúde 24. São as designadas de citações dos entrevistados, “o chamado discurso direto, que busca restituir as falas como forma de reforçar o argumento da matéria em questão, criando um efeito de verdade” (Ferraz e Gomes, 2012: 6). A hegemonia do grupo dominante é extremamente poderosa sobre os elementos do grupo dominado e os estudos micro de análise crítica do discurso têm repercussões na análise crítica a nível macro, já que os valores das notícias irão influenciar a sociedade não apenas de forma micro, mas sobretudo de forma macro.

“O risco de contágio é elevado para as outras pessoas” transmite um valor de medo e pânico ao telespetador. Como se pudesse cruzar-se com alguém infetado pelo ébola nos transportes públicos e ser contagiado muito facilmente. Potencia-se o medo do outro.

“À linha de saúde 24 chegam poucas chamadas relacionadas com o ébola” ainda destaca o valor de pânico, por transmitir indiretamente que os cidadãos não recorrem às medidas de segurança adequadas e que o perigo de vírus se encontra descontrolado. O enfermeiro e Diretor Geral de Saúde alertam também para as pessoas não entrarem em pânico em caso de suspeita, pois “há uma ansiedade coletiva que não é saudável”. Apela às pessoas para recorrerem às autoridades de saúde e não cometerem erros que aumentará ainda mais o sentimento de ansiedade na população. O poder público assume um papel de vítima que reage contra o ébola: “sendo benfeitor, também conclama a população a ser sua aliada, denotando a

presença do discurso da corresponsabilidade na sua fala para consciencializá-la sobre o problema” (Ferraz e Gomes, 2012: 14).

Além disso, Ferraz e Gomes (2012) defendem que o uso de termos tais como alerta, também denuncia um discurso de guerra nos enunciados jornalísticos. Predicados enquanto significados para descrever atores sociais “podem incorporar opiniões controladas por ideologias” (Van Dijk, 2005: 15).

Num breve tom descritivo relembra-se os sintomas do vírus: “no caso de febres altas, vômitos e dores musculares, convém lembrar que é necessário ter estado três semanas num país africano”. O modo descritivo do discurso tem o propósito de nomear determinados fatos e a partir do momento em que são “nomeados, localizados e qualificados, é como se eles fossem impressos numa película para sempre” (Ferraz e Gomes, 2012: 7).

O enunciado termina num tom que indiretamente é alarmista “Este é o quinto caso de suspeita do vírus em Portugal”. É uma sequência narrativa como uma ideia de descontrolo da doença. Há uma ênfase à aproximação da ameaça que o descontrolo da doença representa, como fenómeno discursivo que atrela o encadeamento de ações e sentidos face à instalação da epidemia. “Esse sentimento de proximidade do perigo não apenas condiciona os medos sanitários na atualidade, como também determina a relevância da notícia” (Ferraz e Gomes, 2012: 10).

De seguinte é apresentada a notícia da doença do legionário.

Pivot:

*O Legionella pode estar associado à exposição a ares condicionados e fontes de água decorativa sem manutenção. A bactéria incide mais em homens com mais de cinquenta anos e fumadores.*

*Por agora os especialistas alertam para as prioridades.*

Peça:

*É preciso tratar os 120 infetados, identificar a fonte de contágio e prevenir a população. Alertam os especialistas. Ainda não se sabe a origem da bactéria. Mas*



*esta doença pode estar associada à falta de manutenção de ares condicionados em grandes espaços.*

*Vivo (Técnico de Saúde): “Portanto é preciso fazer uma manutenção muito aturada e muito tecnicamente correta desse tipo de equipamentos”.*

*E não só...também fontes de águas decorativas, como repuxos, com produção de aerossóis são um potencial perigo.*

*Vivo (Técnico de Saúde): “No surto do ano 2000 referia-se a uma fonte de água decorativa que era responsável também e exige manutenção. E até aí sou mais radical...eu acho que as sociedades modernas têm de pensar para que querem fontes decorativas. Para que queremos um bem tão precioso como a água para servir de repuxos”.*

*A doença apresenta sintomas parecidos com a gripe. Tem cura com antibióticos. Muitas pessoas podem até ser infetadas pela bactéria e ter poucos sintomas. Mas há uma camada da população com mais probabilidade de adoecer.*

*Vivo (Técnico de Saúde): “Os casos acontecem mais em homens. Os fumadores são grandes vítimas, porque o fumar afeta alguns mecanismos normais”.*

*Se a origem do contágio não for anulada, pensa-se que o número de infetados pode aumentar. Este é o maior caso de Legionella no país.*

“Por agora os especialistas alertam para as prioridades” e “É preciso tratar 120 infetados, identificar a fonte do contágio e prevenir a população, alertam os especialistas” destacam-se novamente predicados que denotam um tom informativo alarmista e de guerra. No fim: “se a origem do contágio não for anulada, pensa-se que o número de infetados pode aumentar. Este é o maior surto de legionella no país”, transmite-se uma ideia de pânico e descontrolo da doença. Uma aproximação iminente, uma luta contra o tempo. É também utilizado um técnico de saúde que explica de forma credível as possíveis causas do surto.

Nesta notícia apresentam-se então grandes números, “120 infetados” a aumentar cada vez mais, assustadores e silenciosos na sua grandiosidade abstrata, ainda não se sabendo a origem do surto: “ainda não se sabe a origem da bactéria”, o

que estabelece um sentimento de incerteza. Apenas se supõe: “esta doença pode estar associada”. Tudo não passa de suposições. As frases são construídas ainda sem certezas das causas da doença. “Tem cura com antibióticos” transmite um sentimento de esperança, de que nem tudo está perdido. A doença é perigosa, mas é possível o tratamento.

De salientar o uso de um técnico de saúde como fonte de informação (especializada) que se deslocou à RTP para dar a entrevista, verificando-se desde logo um interesse também da parte dos peritos em divulgar eventuais informações sobre a bactéria. “O cientista, ao mediatizar-se, torna-se figura pública e as suas opiniões são escutadas pelo grande público, por políticos e pelos seus pares cientistas. Ao ser citado com frequência, os colegas aceitam as suas definições ou propostas, o que aumenta a sua visibilidade” (Santos, 2003: 113).

Apresenta-se então, comparativamente, a notícia do cancro da mama.

Pivot:

*São mais 1500 mortes por ano.*

*Falo-lhe do cancro da mama.*

*No Dia Mundial de Luta contra este tumor, os especialistas falam nos avanços dos tratamentos.*

*As sobreviventes dão graças...mas há um outro lado a pagar para garantir a cura.*

Peça:

*Aos 35 anos o resultado após uma biópsia estava confirmado: Joana tinha cancro na mama direita. O pesadelo vivenciado desde março finalmente passou. Mas os tratamentos trazem-lhe outro dissabor.*

*Vivo (Paciente Joana): “Tenho de tomar um comprimido todos os dias (...)”*

*É a terapia hormonal que faz da gravidez uma potenciadora a regressão do tumor.*

*Vivo (médico): “Muitas vezes surge o conflito (...) se uma doente estiver a fazer monoterapia cinco anos, quando termina o tratamento pode já não estar num período fértil da sua vida”*

*Joana não desiste. Há outras opções em aberto.*

*Vivo (Paciente Joana): “Começamos a traçar objetivos e pensamos na adoção”.*

*Depois de uma mastectomia total e dez anos a lutar contra o cancro...Sandra não esperava tamanha surpresa...O nascimento do Afonso.*

*Vivo (Paciente Sandra): “Cheguei mesmo a perder a esperança...com os tratamentos todos, sempre pensei que não pudesse engravidar”*

*Vivo (Médico): “Engravidar depois do cancro da mama é possível e muitas mulheres optam por isso (...) pelo contrário parece até ser um efeito protetor”.*

*Com uma filha de 5 anos, Assunção soube que tinha um cancro na mama em janeiro, pois meses depois de fazer a última mamografia. Diz ser um caso de sucesso. E que não se entregou à doença.*

*Vivo (Paciente Assunção): “Desde a operação, a cirurgia ...consegui lidar muito bem com esta situação. Trabalhei sempre e consegui fazer uma vida normal”*

*Uma luta maior para os 4500 casos por anos.*

*A melhoria dos tratamentos diminui a mortalidade do cancro da mama e dá aos pacientes mais qualidade de vida.*

O texto de *pivot* da notícia inicia logo com o número concreto de mortes por ano em Portugal: “são mais de 1500 mortes por ano”, o que transmite uma maior estabilidade à situação, por serem apresentados números objetivos e não números em descontrolo. Além disso, o recurso à estatística e à linguagem dos números é uma das marcas do jornalismo, que garante a credibilidade da informação.

O recurso às fontes oficiais é desde logo evidente com a frase “os especialistas falam nos avanços dos tratamentos”, que surgem como os grandes salvadores do mal. Há avanços nos tratamentos, portanto a notícia é abordada de uma forma muito mais contida, por existir evoluções positivas. “As sobreviventes dão graças”: o recurso à palavra “sobreviventes” é muito importante, já que transmite uma ideia de esperança.

Além disso, ao longo da notícia não é apresentada qualquer palavra que denuncie um discurso de guerra por parte do enunciado jornalístico, como a palavra “alerta” tão evidenciada no discurso do ébola e *legionella*.

No corpo da notícia o uso da palavra “pesadelo” denuncia alguma emotividade e “finalmente passou” denota que o tal “pesadelo” afinal pode passar, não sendo um mal trágico. Parece que o recurso à palavra morte é pouco usual neste contexto, mais que não seja para enunciar números concretos.

Aqui usa-se as pacientes do cancro da mama como contadoras da estória, mas também são abordadas as suas testemunhas sem ser em discurso direto. O jornalista não é apenas “uma testemunha ocular dos fatos, mas também uma testemunha das testemunhas, ao retomar discursos de outrem na sua própria enunciação, neste caso, por meio do discurso relatado”(Ferraz e Gomes, 2012: 8).

O médico destaca-se sempre como fonte oficial, num discurso muito mais apaziguador do que os discursos dos peritos nas notícias do ébola e *legionella*. Santos (2009) refere que as fontes científicas ocupam um lugar preponderante nas notícias sobre saúde e os jornalistas esperam oferecer sempre um comentário pessoal e especializado em qualquer assunto presente no topo da agenda e pronto a servir.

No final da notícia recorre-se de novo a números concretos “4500 casos por ano” e salienta-se que a melhoria dos tratamentos diminui a mortalidade e dá aos pacientes mais qualidade de vida, numa ideia tranquila e de que tudo está controlado, sendo que a melhoria dos tratamentos trás perspectivas positivas aos pacientes com cancro de mama.

## 2.7. Comparação entre abordagens de saúde

Analisando o estudo de caso, verifica-se enormes diferenças na construção noticiosa das epidemias e do cancro da mama, que se apresenta como um grave problema da saúde pública tanto pela alta incidência e mortalidade como pelo elevado custo dos tratamentos. No entanto, verificou-se que este assunto é abordado de uma forma muito mais tranquila e pedagógica em comparação com os surtos do ébola e *legionella*, tratados euforicamente por parte dos *media*. A televisão aborda o cancro da mama de uma forma educativa, apesar de ser um problema de saúde com uma taxa de mortalidade superior aos surtos mencionados. “O cancro é a segunda maior causa de morte em Portugal, logo a seguir às doenças cardiovasculares, e o seu peso percentual no total de mortes revela um aumento constante e progressivo” (Silva, 2010: 9).

Trata-se de um tumor maligno com mais frequência nas mulheres e é a primeira causa de morte do sexo feminino. É a quinta causa de morte a nível mundial. A incidência aumenta durante a quarta década de vida. Ainda não existem métodos de prevenção primária deste tipo de cancro, no entanto um diagnóstico precoce e consequentes tratamentos menos agressivos aumentam a sobrevivência, a qualidade de vida e possibilita até a cura dos pacientes.

O que acontece é que quando surge um surto repentino, ainda pouco conhecido na sociedade, há um sentimento de apreensão como aconteceu com as epidemias. As mortes aumentam cada vez mais a um ritmo alucinante, sem compreender ainda quais as medidas de segurança e de tratamento a adotar, assim como as causas do surto. Ferraz e Gomes (2012) defendem que saber as causas de um mal cria um quadro tranquilizador e reconstrói uma coerência da qual sairá logicamente a indicação dos remédios.

Os *media* logo tratam de usar e abusar das epidemias para obterem mais audiência, já que são assuntos que passam a ter um enorme interesse para o telespetador. Os meios de comunicação transformam esse sentimento de apreensão vivido pelos cidadãos, num sentimento ainda maior. As notícias passam a ser repetições do medo e do perigo que as epidemias assumem para os indivíduos. As

notícias tornam-se o espetacular, o repetitivo e um escrutínio total do medo. É um ciclo vicioso sem fim.

Segundo a Teoria do Agendamento, cria-se um debate em torno destes novos assuntos, vistos como ameaçadores para a saúde pública. Desta forma, surgem conversas entre atores privilegiados na área da saúde, transformando-se assim na temática da agenda política, que rapidamente se propaga à agenda mediática. E daí se estende da agenda mediática à agenda pública. Há uma sintonia entre agendas que se retroalimentam umas às outras. De acordo com Brüheim (2012) a teoria do agendamento explica porque é que a informação sobre determinados assuntos e não outros está disponível ao público, de que forma é moldada a opinião pública e porque é que determinados assuntos são foco de ação política, enquanto outros não.

Quando surgem surtos, há um debate entre atores privilegiados de saúde (especialistas) sobre essas temáticas, já que se apresenta como algo novo e preocupante. Assim se forma a agenda política, que influenciará a agenda mediática da saúde, que irá contribuir também para a agenda política, num constante intercâmbio de informações. Por sua vez, o que os *media* abordam nas notícias irá influenciar a agenda pública de saúde, ou seja, a vida real dos cidadãos e aquilo que mais dão importância na área da saúde. E, deste modo, a agenda pública irá influenciar também a agenda mediática através de conversas interpessoais entre indivíduos. Assim, tema (*issue*) é um problema social, muitas vezes implicando um conflito, que recebeu cobertura mediática.

Por outro lado, o cancro da mama, apesar de ser uma doença com maior taxa de mortalidade, não é um assunto novo e, acima de tudo, não é contagioso como é o caso do ébola. É uma doença que surge devido a outros fatores, nomeadamente hereditários. Não se assume como debate político alarmista. Conhecem-se os tratamentos, as estatísticas e as formas de prevenção de uma forma muito mais tranquila e objetiva do que os surtos do ébola e *legionella*, cujas estatísticas ainda são subjetivas. Assim, abordam-se as epidemias de uma forma que roça o espetacular e o perigoso, enquanto no cancro da mama se reflete um carácter mais educativo e tranquilo, por não se tratar de um assunto novo. Não é uma temática que se encontre em destaque na opinião política e portanto também não influencia em grande escala a

agenda mediática. Segundo Santos (2012) as notícias dos *media* são geralmente sobre temas que mais preocupam as sociedades num dado momento.

No que respeita à enunciação das notícias há diferenças enormes na escolha do grupo legítimo para ceder informações. Enquanto nas notícias do ébola e *legionella*, é dada somente voz ao grupo de poder (especialistas), na notícia do cancro da mama as pacientes também cedem informações sobre a doença. O enunciado da notícia estabelece um nome próprio, uma representação dos atingidos pela doença. No ébola e *legionella* o enunciado sobrevive de anonimato. Sabe-se que o número de mortes é enorme, mas não se estabelece um caso concreto de referência, como foi com o cancro da mama, cujas pacientes relatam a própria situação. Além de que os valores das notícias são diferentes: os valores morte e medo assumem um enorme destaque nas epidemias, enquanto no cancro da mama salienta-se o valor morte, ao mesmo tempo do valor esperança. As pacientes surgem como sinónimo de cura da doença. Não é apresentada nenhuma situação mal sucedida. Os três casos têm um final favorável, enquanto nas epidemias os casos em anonimato têm um final trágico.

Contudo, apesar do cancro da mama ser abordado de forma mais pacífica por parte dos *media*, há que ter em linha de conta o impacto social e psicológico que o cancro exerce sobre os indivíduos, as famílias e a sociedade, tanto pelos efeitos da doença, como pelas características violentas dos tratamentos. Por isso é que é tão necessário abordar este assunto com seriedade, através dos meios de comunicação social, para que um assunto que se mantém no tempo e não é temporário como os surtos, seja transmitido aos indivíduos da melhor forma, de modo a serem mais críticos e pró-ativos. Isto só será possível com uma maior consciência por parte da cultura jornalística, as fontes de informação (especialistas) e a sociedade civil.

## 2.8. A literacia e a manipulação dos *media*

A educação é essencial para uma sociedade próspera e um fator indispensável no desenvolvimento da saúde (Parker, Ratzan e Lurie, 2003) e na diminuição da taxa de mortalidade. De acordo com Monteiro (2009) a saúde é discutida em revistas de moda e jornais, em programas de rádio e televisão. Os programas políticos pedem-nos até para sermos pacientes informados e cidadãos comprometidos e ativos. A educação para os *media*, como um fenómeno de receção ativa e de participação cívica, implica “a utilização da própria inteligência e da própria capacidade de adquirir conhecimento” (Misgeld, 1987, 83). Isto é, segundo Calvo (1999), o recetor só passa a ser sujeito da informação quando dispõe de critérios próprios.

Desta forma, procura-se desafiar o público a exercer a influência que lhe corresponde, através do conhecimento e análise da linguagem dos *media*. Por isso, no que diz respeito à receção é muito importante a literacia mediática (Misgeld, 1987). Este conceito define-se pela capacidade de identificar, compreender, interpretar, criar, comunicar e envolver um processo contínuo de aprendizagem que capacita o indivíduo a alcançar os seus objetivos, a desenvolver os seus potenciais e o seu conhecimento, de modo a poder participar de forma ativa na sociedade. Os autores Parker, Ratzan e Lurie (2003) defendem que a literacia é central para as várias prioridades do sistema de saúde, incluindo a qualidade, a contenção de custos, a segurança e envolvimento dos pacientes nas decisões de cuidados de saúde.

Os conhecimentos científicos têm implicações significativas nos resultados positivos em saúde e, consequentemente, nos gastos. Quanto menor a taxa de literacia nesta área, menos eficientes serão os serviços de saúde e maior será a taxa de hospitalização e de utilização das urgências hospitalares. Os indivíduos com baixa literacia terão menor capacidade para lidar com doenças. Caso os indivíduos tenham pouco conhecimento, terão menos cuidados preventivos, tais como os rastreios oncológicos e vacinação. É o caso do cancro da mama: as pessoas com maior conhecimento sobre a importância do rastreio anual poderão prevenir o cancro e até detetá-lo num estágio inicial, diminuindo-se assim a taxa de mortalidade e aumentando-se a qualidade de vida.



A literacia em saúde é considerada uma componente fundamental da pessoa, como uma capacidade para tomar decisões fundamentais do seu dia-a-dia. A verdade é que vivemos na “sociedade de informação e do conhecimento (...) em que os indivíduos se assumem cada vez mais como sujeitos autónomos, senhores das suas escolhas, capazes de usar a reflexão para alterarem” (Santos, 2012: 39). Portanto, os *media* não são os únicos que exercem poder na sociedade. O conhecimento próprio dos indivíduos influencia muito a perceção da realidade social.

Estima-se que há cerca de 876 adultos iletrados no mundo e a maioria são mulheres e jovens. Muitas crianças não têm acesso a educação que as prepare para a vida numa sociedade em constantes mudanças. Estes altos níveis de iliteracia contribuem significativamente para reforçar as desigualdades económicas e de saúde nos países pobres (kickbusch, 2001). Segundo Parker, Ratzan e Lurie (2003) aqueles com inadequada literacia em saúde têm menos conhecimento sobre as suas condições médicas de tratamento, piorando o estado de saúde, o que leva a uma maior taxa de hospitalização.

No entanto, alguns fatores interferem em grande escala no saber dos indivíduos em saúde: faixa etária, escolaridade ou estatuto social. Como será de prever, quanto maior o nível de escolaridade, maior será o nível de literacia. Contudo, é perigoso visualizar a literacia apenas consoante os indicadores de escolaridade: não é só a escola que fornece competências de leitura, escrita e cálculo. Há aprendizagens que são efetuadas noutras espaços sem ser a escola. Portanto, deve-se prestar atenção a outras instituições sociais.

As camadas da população com um *status* socioeconómico mais elevado, tendem a adquirir este tipo de informação mais facilmente, em comparação com os segmentos socioeconómicos baixos. E quanto maior for a literacia dos indivíduos, mais informação usarão para prevenir determinado tipo de doenças e cuidarão de forma autónoma do próprio estado de saúde, num conceito de auto gestão. Além de que irão ter mais informações para não se deixarem guiar pelo espetáculo televisivo que os *media* fazem sobre as epidemias.

*Nos estados democráticos, o direito à informação, concretizado pelo jornalismo e no jornalismo, permite aos cidadãos reivindicar direito e tomar consciência da necessidade de*

*cumprirem os seus deveres. Faculta aos cidadãos informações necessárias para a sua vida e para a interação social. Faculta alguma da informação de que as pessoas necessitam para se desenvolverem como cidadãos e como seres humanos e para viverem na sociedade contemporânea* (Sousa, 2007: 82).

Caso o telespectador tenha boa literacia em saúde não se deixará guiar por ideias de pânico. Irá saber defender-se e fazer uma construção da estória mais atenta. “Para ter capacidade de exercer controlo sobre a sua saúde, os indivíduos necessitam de informação, conhecimento e compreensão. Isto é o que lhes dá confiança e vontade de manter o controlo” (Monteiro, 2009).

No entanto, num tempo que parece exigir o pensamento ativo de todos nós, são muitos, talvez a grande maioria da população mundial, que não têm condições para pensar pelas mais variadas razões: porque estão demasiado subnutridos para sequer terem energia para pensar, no caso dos países pobres. Vivem um quotidiano tão cansativo e absorvente que não lhes deixa tempo para pensar. Ou simplesmente a ânsia por fruir na sociedade de consumo, pensam que parar para pensar seria um desperdício. Ou simplesmente porque acreditam que os meios de comunicação social e as elites políticas e culturais pensam por eles tudo o que há a pensar (Santos, 2012: 40).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Para o jornalismo, o acontecimento não se define como aquilo que simplesmente acontece, e sim aquilo que, ao acontecer e ao ser revelado, produz alterações significativas na realidade presente das pessoas”*

(Fernandes, 2001: 41).

Toda a aprendizagem teórica só será eficaz através da formação prática. A experiência na RTP permitiu essa mesma complementaridade e a aquisição de conhecimentos essenciais na área do jornalismo. Os meses de estágio permitiram colocar em prática os conceitos obtidos na formação académica, através do *saber fazer* e de muita observação. O balanço é bastante positivo. Foram muitas horas em reportagem, na redação e nas salas de edição. Foram bons contactos estabelecidos e aprendizagens fundamentais para um início profissional bastante enriquecedor. Não foi o primeiro contacto no mundo laboral, mas o primeiro com o mundo televisivo.

Na RTP as notícias são elaboradas numa luta enorme contra o tempo. O que foi muitas vezes observado é que existe uma enorme ansia por cumprir o alinhamento dos programas informativos e os critérios exigidos pelos coordenadores. Muitas vezes, não é o bem social que está em prevalência, mas aspetos técnicos e rotineiros. Tem de se elaborar várias notícias sobre a mesma temática, mas com ângulos de abordagem diferentes, a maioria das vezes até sem se sair da redação, com recurso a informações das agências noticiosas. E acima de tudo luta-se por possuir boas fontes de informação. “Quem na vida profissional, trava a batalha diária pela boa notícia sabe que a credibilidade do bom jornalista depende da confiabilidade de suas fontes” (Fernandes, 2001: 51). Os jornalistas sofrem vários constrangimentos na sua prática profissional.

Contudo, pela observação efetuada, a RTP continua a ter o objetivo de assegurar a qualidade de informação, o escrutínio da verdade e uma dedicação enorme por parte dos profissionais. Embora se deparem, como grupo de jornalistas, a um dilema quotidiano entre o dever de informar e o dever de obediências hierárquicas a que estão sujeitos diariamente, que condiciona as escolhas que fazem na construção do produto informativo. As rotinas jornalísticas, a pertença a um grupo

social, com modelos sociais específicos e a cognição individual, parte intrínseca do ser humano, são verdadeiras pedras no caminho da produção informativa. “O esforço de comunicar um facto absoluto é simplesmente uma tentativa de alcançar isso que é humanamente impossível. A única coisa que eu posso fazer é dar a minha interpretação dos fatos” (Schudson, apud Santos, 2003:72). Além disso, há que ter em conta o trabalho em equipa, tão necessário na produção televisiva. O lado subjetivo começa nas fontes de informação, no jornalista, no repórter de imagem e por fim no editor de imagem. Todo este processo, passa por constrangimentos diários, quer técnicos, quer organizacionais.

Desta forma, centenas de conteúdos são emitidos diariamente ao telespetador que retém as informações e faz delas um debate do dia-a-dia. A agenda mediática define a agenda pública e consegue transformá-la. Os indivíduos são influenciados pelos *media*, mesmo que não na sua totalidade. Os meios de comunicação social assumem um poder enorme como construtores sociais da realidade e esquemas mentais dos indivíduos. Mesmo que o telespetador tenha já ideias próprias, as notícias são construídas de uma forma tão espetacular e repetida que é impossível não se deixar influenciar. Correia (2009) defende que diminuído o poder da religião, da família e da escola, e das formas de mediatização enquanto mecanismos que asseguravam a regularidade nas dinâmicas sociais, os *media* exercem uma enorme capacidade de controlo.

Desta forma, demonstrou-se essencial refletir sobre a temática da saúde, já que o estágio decorreu durante as epidemias do ébola e *legionella*. A saúde é uma vertente muito delicada na vida das populações e os *media* conseguem exercer um escrutínio extremamente poderoso perante um ponto tão frágil da sociedade. As epidemias são vistas como um perigo iminente, já que se trata de agentes de contaminação novos e que não se dispõem de muita informação. Todo o caos informativo gerado pelos *media*, permite que mais confusão surja na sociedade. E é através deste emaranhar de sentimentos e notícias, que se captam audiências e que determinadas temáticas passam a ser uma preocupação geral na sociedade civil. Não é menos verdade a alta taxa de contágio que estes surtos atingem, mas quanto mais são divulgados pela comunicação social, maior será o “monstro” visualizado nestas doenças.

Assim, procurou-se efetuar uma comparação entre diferentes abordagens de saúde a partir da análise do discurso das notícias de estágio sobre o ébola, o *legionella* e o cancro da mama. O que se verificou foi que o cancro da mama é abordado de uma forma mais pacífica pela televisão comparativamente às epidemias, pois trata-se de uma doença conhecida. É uma doença-padrão que não trás um extremo desequilíbrio à sociedade. São notícias que estão inscritas na memória, “em práticas sociais que permitem compreender o funcionamento do discurso, o fato de um já-dito sustentar cada tomada de palavra e as próprias relações de sentido dos discursos” (Ferraz e Gomes, 2012: 4).

As epidemias são um enorme foco televisivo. E como se pôde constatar, durante os surtos do ébola e *legionella* as ideias de medo e pânico foram evidentes nos noticiários. O telespetador assume estas ideias inconscientemente, apesar de possuir outras fontes de influência no seu meio social. O medo apodera-se dos indivíduos que visualizam estas epidemias como um potencial perigo para o pleno equilíbrio do seu bem-estar. A distância em televisão não existe com tamanhos meios técnicos e recursos aos diretos televisivos, o que origina sentimentos de maior apreensão como se a epidemia estivesse ainda mais perto, prestes a atingir cada vez mais vítimas.

Apesar das representações mentais formadas, os telespetadores são livres e também poderão ter um papel crítico relativamente à qualidade da informação, não aceitando determinadas ideologias como suas e formando ideologias contra-hegemónicas. O público pode e deve fazer pressão sobre os meios de comunicação social, de modo a lhes chamar à atenção acerca da sua responsabilidade social, através de um elevado sentido crítico que se torna cada vez mais urgente.

Isto só será possível com conhecimentos específicos na área. A literacia em saúde é fundamental para que o telespetador forme ideias próprias e seja consciente quanto às suas responsabilidades e deveres. Além de que não se deixará influenciar tão facilmente pela grande indústria televisiva, seja pública ou privada, pois a luta por audiências existe em ambas. No entanto, a RTP sendo serviço público de televisão, tem o dever de produzir informação de qualidade e ao encontro do bem social dos cidadãos.

Verificou-se igualmente, no que concerne à área da saúde, que os *media* privilegiam as fontes oficiais, que exercem influência, um tanto ou quanto tendenciosa, e levam a que as notícias dos *media* sejam homogêneas e hegemônicas, estigmatizando-se as minorias sociais. O medo percorre a cobertura noticiosa, sobretudo o medo do outro, que irá alimentar medidas de segregação por parte de autoridades e atos discriminatórios no dia-a-dia.

No entanto, apesar das notícias analisadas servirem apenas de base para esta investigação, acabaram por ser interpretativas para a dimensão do estudo que se impõe, apesar de algumas limitações. As notícias foram elaboradas em trabalho de estágio e portanto torna-se difícil analisar os próprios enunciados e, ao mesmo tempo, ter como base notícias que não foram lançadas nos noticiários. Contudo, sendo este um relatório de estágio com uma vertente investigativa, tornou-se essencial analisar a temática da saúde em sintonia com o trabalho efetuado durante o processo de estágio.

É fundamental ter consciência da construção noticiosa efetuada a nível televisivo, de modo a se compreender esta temática tão essencial e delicada para o equilíbrio das sociedades. Finalizando, conclui-se a partir deste estudo, que a televisão se assume como o *media* que faculta a maioria das mais importantes informações “de que as pessoas necessitam para se desenvolverem como cidadãos e para viverem na sociedade contemporânea” (Sousa, 2000, 82).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguaded, J. (1999). *Convivir con la televisión*. Barcelona: Editorial Paidós.
- Albarran, A., Sánchez-Taberner, A., Pérez-Latre, F., Cádima, F., Sousa, J., Morais, A., Costa, H., Duarte, J., Pina, S. (2007). *Ética e Responsabilidade Social dos Media*. Lisboa: Media XXI.
- Boroliero, S. (2004). *Saúde no Ar e As Parcerias entre o estado e a televisão pública na promoção da saúde*. Brasil: Revista Académica do Grupo Comunicacional de São Bernardo.
- Brandão, N. G. (2010). *As notícias nos telejornais*. Lisboa: Editora Guerra & Paz.
- Brüheim, S. (2012). *A agenda política, mediática e pública da saúde em Portugal*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Cádima, R. (2005). *Televisão light ou o Analgésico Pós-laboral*. Universidade Nova de Lisboa.
- Damáσιο, M. (2001). *Práticas Educativas e Novos Media: contributos para o desenvolvimento de um novo modelo de literacia*. Coimbra: Edições Minerva.
- D'Hérouville, Y., Gougenhei, I. (2003). *A Televisão*. Editorial Inquérito: Coleção Ideias Feitas.
- Esteves, J. (2003). *Comunicação e Sociedade. Media e Jornalismo: Livros horizonte*.
- Erin, N., Marcus, M. (2006). *The Silent Epidemic - The Health Effects of Illiteracy*. The New England Journal Of Medicine.
- Fernandes, P. (2001). *Televisão do Público: Um estudo sobre a realidade portuguesa (1993-1997)*. Coimbra: Edições Minerva.

- Grandim, A. (2000). *Manual de Jornalismo*. Universidade da Beira Interior.
- Jespers, J. (1998). *Jornalismo Televisivo. Princípios e Métodos*. Minerva Coimbra
- Monteiro, M. (2009). *A Literacia em Saúde*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Penedo, C. (2003). *O Crime nos Media. O que dizem as notícias quando nos falamos de crime*. Livros Horizonte.
- Rangel, M. (2003). *Epidemia e Media: sentidos construídos em narrativas jornalísticas*. Instituto de Saúde Coletiva da UFBA.
- Ranger, T., Slack, P. (1992). *Essays on the historical perception of pestilence*. Present Publications.
- Rohden, F. (2009). *Uma Ciência da Diferença. Sexo e Género na Medicina da Mulher*. Fio Cruz Editora.
- Santos, B. (2012). *A Cor do Tempo Quando Foge*. Edições Almedina.
- Santos, J. A. (2000). *Homo Zappiens: o feitiço da televisão*. Lisboa: Notícias Editorial, Coleção Media e Sociedade.
- Santos, R. (1998). *Os novos media e o espaço público*. Lisboa: Gradiva.
- Santos, S. (2013). *Da rádio estatal ao modelo integrado. Compreender o serviço de radiodifusão em Portugal*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Santos, S. (2013). *Os Media de Serviço Público*. Livros Labcom.
- Saperas, Enric (1993). *Os efeitos cognitivos da comunicação de massas*. Edições ASA.
- Sena, N. (2011). *A televisão por dentro e por fora*. Coimbra: Minerva.
- Silva, M., Traquina, N., Calado, V. (2007). *O problema da SIDA como Notícia*. Lisboa: Livros Horizonte, Coleção Media e Jornalismo.



Sobral, F. (2012). *Televisão em Contexto Português: uma abordagem histórica e prospetiva*. Millenium, 42 (janeiro/junho).

Sousa, P. (2000). *As notícias e os seus efeitos: As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Coimbra: Edições Minerva.

Tuchman, G. (1983). *La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de la realidade*. Barcelona.

Torres, E. (2006). *A Tragédia Televisiva: Um Género Dramático da Informação Audiovisual*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Tichenor, P., Donohue, G. e Olien, C. (1970). *Mass Media and diferencial growth in knowledge, Public Opinion Quartely*. Califórnia: Sage Publications.

Traquina, N. (2000). *O poder do jornalismo: Análise e textos da teoria do agendamento*. Minerva Coimbra.

Traquina, N. (2007). *A Tribo Jornalística: uma comunidade transnacional*. Editorial Notícias.

Traquina, N. (2008). *O que é Jornalismo*. Quimera Editora.

Van Dijk, A. (2005). *Discurso, Notícia e Ideologia: Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto: Campo das Letras. Tradução por Zara Pinto-Coelho.

Volkoff, V. (1999). *Pequena História da Desinformação: Do cavalo de Troia à Internet*. Editorial Notícias.

Zahar, J. (2005). *Jornal Nacional: A Notícia faz história*. Memória Globo.

Woodrow. A. (1996). *Os meios de comunicação. O Quarto Poder ou Quinta Coluna*. Publicações Dom Quixote.

Adghirni, Z. (2005). *O jornalismo entre a informação e a comunicação: como as assessorias de imprensa agendam os media*. BOCC. Consultado a 28/02/2015.

[Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/adghirni-zelia-jornalismo-informacao-comunicacao.pdf>].

Bill, B. G. (s.d.). *Catarse mediática: a tragédia no jornalismo pós-moderno*. Brasil: Universidade Tuiuti do Paraná. Consultado a 07/02/2015. [Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bill-jornalismo-jornalismo.pdf>].

Bortoliero, S. (2004). *Saúde no Ar. As parcerias entre o Estado e a Televisão Pública na Promoção da Saúde*. Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. Consultado a 02/02/2015

[Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/saudenoar.pdf>].

Cardoso, T., Navarro, M. (2014). *Ebola and media*. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde. Consultado a 02/02/2015. [Disponível em: <http://goo.gl/LILgGa>].

Correia, J. (2002). *Cidadania, Comunicação e Literacia Mediática*. Universidade da Beira Interior. BOCC. Consultado em 03/07/2015.

[Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-carlos-Media-Publico-Literacia.pdf>].

Ferraz, L., Gomes, I. (2012). *Epidemia e memória no discurso jornalístico sobre a dengue*. Brasília: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação. Consultado a 02/02/2015.

[Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/saudenoar.pdf>].

Hohlfeldt, A. (2001). *Objetividade, categoria jornalística mitificada*. BOCC.

Consultado a 02/02/2015. [Disponível em <http://goo.gl/xh0s5D>].

Kickbusch, I. (2001). *Health Literacy: addressing the health and education divide*. Oxford University. Consultado a 03/08/2015. [Disponível em: <http://goo.gl/xh0s5D>].

Marôpo, L., Silveira, P. (2014). *Jornalismo e Construção Social da Realidade: Um contributo para o Debate Teórico*. Revista Comunicando, Volume 3. Consultado a 02/15/2015.

[Disponível em: [http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20141219-0\\_2.pdf](http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20141219-0_2.pdf)].

Melo, I. (2010). *Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura*. BOCC. Consultado em 04/03/2015. [Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>].

Negrini, M., Tondo, R. (2006). *Televisive Journalism and spectacularization and analysis of the Brazil Urgente Program*. Artes, Letras e Comunicação. Consultado em 03/08/2015. [Disponível em: <http://goo.gl/hv7li2>].

Parker R., Wolf M., Kirsch, I. (2008). *Preparing for an Epidemic of Limited Health Literacy: Weathering the Perfect Storm*. Journal of General Internal Medicine. Google scholar. Consultado em: 27/07/2015. [Disponível em: <https://goo.gl/gjaGuD>].

Parker, R., Ratzan S., Lurie, N. (2003). *Health Literacy: A Policy Challenge For Advancing High-Quality Health Care*. Health Affairs. Consultado em: 04/08/2015. [Disponível em: <http://goo.gl/2FTaLo>].

Sousa, J. (1999). *A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspetiva ibérica*. BOCC. Consultado em 25/06/2015 [Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-teoria-do-agendamento.pdf>].

Site dos Médicos Sem Fronteiras. *Ébola*. Outubro de 2014. Consultado em 17/05/2015. [Disponível em: <http://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicinas/ebola>].

## **ANEXOS**

Em anexo seguem dois DVD's com as notícias e diretos em formato digital afetuados durante o período de estágio na RTP. O primeiro DVD contém a apresentação do jornal final em estúdio e o segundo alguns trabalhos de estágio. A vertente escrita das notícias seguem em seguida. Além disso, estão incluídas também a parte escrita de outras notícias efetuadas e não editadas.

## **Anexo 1: Jornal Final (DVD 1)**

### **Anexo 1.1: Pedro Passos Coelho**

Pivot:

O Primeiro-Ministro criticou ontem o Partido Socialista num jantar de militantes. Fez uma retrospectiva do governo de José Sócrates e à falta de transparência entre este o BES e a PT. Definiu a lógica de António Costa como de orgulhosamente sós.

Peça:

Num jantar com 2700 militantes o Primeiro-Ministro criticou o partido socialista por só querer compromissos políticos para depois das eleições.

Comparou a lógica do PS com a de António Salazar.

=Vivo Primeiro Ministro=

Um mote à nacionalização do BPN que colocou em causa o dinheiro dos contribuintes. O que não aconteceu com o Banco Espírito Santo.

=Vivo Primeiro Ministro=

Críticas para o PS, mas elogios ao governo. Passos Coelho falou da positiva evolução económica do país. Espera que os portugueses não tenham fraca memória e não se deixem convencer pelas promessas do PS.

## **Anexo 1.2: Dia de luta contra o cancro da mama**

Pivot:

São mais 1500 mortes por ano.

Falo-lhe do cancro da mama.

No Dia Mundial de Luta contra este tumor, os especialistas falam nos avanços dos tratamentos.

As sobreviventes dão graças, mas há um outro lado a pagar para garantir a cura.

Peça:

Aos 35 anos o resultado após uma biópsia estava confirmado: Joana tinha cancro na mama direita. O pesadelo vivenciado desde março finalmente passou. Mas os tratamentos trazem-lhe outro dissabor.

=Vivo Paciente Joana=

“Tenho de tomar um comprimido todos os dias (...)”.

É a terapia hormonal que faz da gravidez uma potenciadora a regressão do tumor.

=Vivo do médico=

“Muitas vezes surge o conflito (...) se uma doente estiver a fazer monoterapia cinco anos, quando termina o tratamento pode já não estar num período fértil da sua vida”.

Joana não desiste. Há outras opções em aberto.

=Vivo Paciente Joana=

“Começamos a traçar objetivos e pensamos na adoção”.

Depois de uma mastectomia total e dez anos a lutar contra o cancro...Sandra não esperava tamanha surpresa...O nascimento do Afonso.

=Vivo Paciente Sandra=

“Cheguei mesmo a perder a esperança...com os tratamentos todos, sempre pensei que não pudesse engravidar”.

=Vivo Médico=

“Engravidar depois do cancro da mama é possível e muitas mulheres optam por isso (...) pelo contrário parece até ser um efeito protetor”.

Com uma filha de 5 anos, Assunção soube que tinha um cancro na mama em janeiro, pois meses depois de fazer a última mamografia.

Diz ser um caso de sucesso. E que não se entregou à doença.

=Vivo Paciente Assunção=

“Desde a operação, a cirurgia ...consegui lidar muito bem com esta situação. Trabalhei sempre e consegui fazer uma vida normal”.

Uma luta maior para os 4500 casos por anos.

A melhoria dos tratamentos diminui a mortalidade do cancro da mama e dá aos pacientes mais qualidade de vida.

### **Anexo 1.3: Portugal Fashion**

Pivot:

Luís Buchinho, Miguel Vieira e Fátima Lopes...Três dos principais criadores que finalizaram ontem o Portugal Fashion em diferentes espaços do Porto.

Luzes, música e tons mostraram as tendências da Primavera-Verão 2015.

Peça:

Um misto de moda, criatividade e glamour...

Foi o que o último dia do Portugal Fashion deu à cidade invicta, entre o Conservatório de Música, Mosteiro de São Bento da Vitória e Alfandega do Porto.

«Respirar imagem »

Azul, verde e lilás...os tons da nova coleção de Luís Buchinho num toque muito feminino.

=Vivo Luís Buchinho=

A mistura de estilo clássico com desportivo é a mais recente proposta do estilista Miguel Vieira.

=Vivo Miguel Vieira=

Branco, preto e detalhes de amarelo. Uma aposta à anos 60 de Fátima Lopes...

Mas a principal novidade da criadora não passa por aí.

=Vivo Fátima Lopes=

Desfiles de moda com coleções diferentes, em espaços distintos do Porto.

=Vivo diretor de comunicação do Portugal Fashion=

Esta edição do Portugal Fashion surgiu com o tema “sprinkle” e conseguiu atrair mais de 30 mil pessoas.



## **Anexo 1.4: Jantar solidário**

Pivot:

O que para uns Natal significa união familiar, para outros é o peso da solidão. Um jantar no Centro Cultural e Desportivo da Camara do Porto conseguiu sorrisos de muitos sem abrigo e pessoas carenciadas. Um simples gesto, com o apoio de centenas de voluntários.

Peça:

O cheiro a Natal estende-se além da cozinha. Faltam os últimos detalhes e o jantar fica pronto a servir. Um gesto solidário destas voluntárias, que arrancam sorrisos de olhares tristes.

=Vivo de voluntária=

=Vivo de voluntária=

Uma iniciativa do grupo Ronda dos Sem-Abrigo. Trabalho em equipa, boa disposição e espírito natalício.

=Vivo voluntária=

O frio ficou lá fora. Agora só há o calor da refeição acabada de sair e que aquece o coração de muitos.

=Vivo sem abrigo=

=Vivo sem abrigo=

Um jantar que demonstra como tantas pessoas precisam de uma mão amiga na cidade do Porto.

=Vivo responsável do projeto=

Um Natal diferente. Um convívio que se prolongou pela noite fora.

## **Anexo 1.5: Fim do chocolate**

Pivot:

É um dos produtos mais apreciados a nível mundial. Há quem o use de forma terapêutica e o consumo está a aumentar. Falo-lhe do chocolate. O problema está na produção de cacau não conseguir acompanhar a procura desde 2012.

Peça:

É a perdição para muitos. Há até quem diga que é o remédio perfeito para desilusões amorosas.

=Vivo de pessoa na rua=

E cada vez é mais usado como efeito terapêutico.

=Vivo de pessoas na rua=

O problema está no consumo de cacau superar a produção. Também o tempo seco na África Ocidental arrasou com as colheitas. Até na Índia e China a compra está a aumentar.

=Vivo diretora da empresa Imperial=

Existe um défice de produção há três anos. Mas há ainda quem acredite...o chocolate não vai acabar...

=Vivo de dona de pastelaria=

Na África Central já há um grupo de investigação a criar árvores que produzam sete vezes mais cacau do que o normal. Boas notícias para quem já não se imagine sem este fiel amigo em momentos de stress.

## **Anexo 2: Notícias RTP (DVD 2)**

### **Anexo 2.1: Jordi Saval**

Pivot

Jordi Saval recusou o Prémio Nacional de Música indignado com o desprezo do Estado Espanhol pela Cultura. O músico assume-se ainda a favor da independência da Catalunha. Está de regresso ao Porto para um concerto na Casa da Música.

Peça:

É um dos mais célebres músicos catalães. Acredita no poder que a música assume na aproximação de culturas diferentes e por isso dedica-se à recuperação da música antiga há mais 400 anos.

=Vivo Jordi Saval=

Jordi Saval vê na música uma forma de estabelecer paz no mundo.

=Vivo Jordi Saval=

Dedicado o património musical de Espanha, Jordi recebeu do Governo Espanhol de Música. Que apesar de agradecer, renunciou.

=Vivo Jordi Saval=

O músico catalão que recusou o maior prémio de música em Espanha defende a consulta pública sobre a independência da Catalunha e garante que vai votar.

=Vivo Jordi Saval=

Saval foi porta-voz no manifesto em Paris a acredita que os países mais pequenos da Europa são os que funcionam melhor.

=Vivo Jordi Saval=

Jordi Saval regressou ao palco da Casa da Música no Porto, num concerto com tradições ancestrais da música do Médio Oriente.

## **Anexo 2.2: Tecidos inteligentes**

Pivot:

São os chamados tecidos inteligentes. A empresa Flôr da Moda em Barcelos é um dos exemplos que os integra na confeção de vestuário. Em quatro anos já lançou dez produtos inovadores. Agora o desafio está nas calças mágicas.

Peça:

É uma gama de calças inovadoras. Ativam e ajudam a dissolver a gordura acumulada. Tudo com cristais bioativos incorporados no fio ADN. Na empresa Flor da Moda em Barcelos são já dez as peças lançadas.

=Vivo Ana Sousa=

Nesta fábrica são produzidas mais de 4 mil peças por dia. Muitas para marca própria, outras em Private Label. Emprega 600 pessoas. Fatura anualmente 30 milhões de euros.

=Vivo Ana Sousa=

Uma empresa que não se deixou vencer pela crise da indústria têxtil nacional. Tudo com muito trabalho ao longo dos anos e modernização tecnológica.

=Vivo Ana Sousa=

São mais de 30 anos de experiência e 65 lojas no mercado nacional e internacional. Ana Sousa não esconde o orgulho que sente quando clientes de luxo se inspiram no trabalho dela.

=Vivo Ana Sousa=

A designer sabe que cada pormenor é importante para divulgar coleções.

Esta seção fotográfica é o último retoque...a imagem que é passada para fora. A modelo Mariana Braga é brasileira, mora em Milão e desta vez é a cara da marca portuguesa.

=Vivo Ana Sousa=

Mas há outra novidade: o vestuário reversível.

Apaixonada e dedicada ao trabalho, as inovações não escapam aos olhares dos clientes.

### **Anexo 2.3: Jogo contra o Shaktar**

Pivot:

O FCP joga quarta feira contra o Shaktar. O treinador dos dragões vai poupar jogadores para o clássico de domingo. No relvado vai estar uma equipa secundária.

Peça:

Danilo, Casemiro, Brahimi e Fabiano: os jogadores poupados por Lopetegui para o jogo de quarta-feira. Precisam de estar aptos para o clássico de domingo que vai apurar quem vence o campeonato.

=Vivo Lopetegui=

O Porto joga na quarta contra o shaktar. Um jogo apenas de prestígio de prémio monetário. As duas equipas já estão apuradas para os oitavos de final. O treinador espanhol reconhece estar perante um adversário forte.

=Vivo Lopetegui=

Quaresma também sabe que a equipa vai dar o máximo em jogo contra um adversário que conseguiu roubar pontos aos dragões.

=Vivo Quaresma=

Uma possível vitória nesta quarta-feira deixará a equipa dos dragões muito mais motivada para o clássico de domingo contra o Benfica.

## **Anexo 2.4: Ébola**

Pivot:

O Diretor Geral de Saúde avisa que em caso de suspeita de ébola, as pessoas contactem a Linha de Saúde 24. Uma forma de prevenir o contágio e não se deslocarem de imediato às urgências.

Peça:

A mulher de quarenta e cinco anos deslocou-se ao Hospital de São João. Usou transportes públicos. Vinha de um hospital privado. Uma decisão errada sem medidas de segurança. O risco de contágio é elevado para outras pessoas.

=Vivo Francisco George=

“É preciso utilizar a linha telefónica de Saúde 24 que é muito fácil de memorizar, porque está 24 horas em funcionamento. Pelo telefone é mais seguro organizar o apoio, o suporte e o transporte para o hospital”.

À linha de Saúde 24 chegam poucas chamadas relacionadas com o ébola.

=Vivo Enfermeiro Sérgio Gomes=

“Nós gostaríamos que os cidadãos portugueses utilizassem a linha de Saúde 24 nestas situações. Somos de rápido acesso. São atendidos em cinco segundos por um enfermeiro”

A Direção Geral de Saúde alerta para não se entrar em pânico no caso de suspeita.

=Vivo Diretor Geral de Saúde=

“ Há uma ansiedade coletiva que não é saudável. É preciso que a população reconheça que as autoridades de saúde estão atentas a este problema e Portugal dispõe de um plano que tem sido devidamente testado”.

No caso de febres altas, vómitos e dores musculares...convém lembrar que é necessário ter estado três semanas num país africano. Este é o quinto caso de suspeita do vírus em Portugal.

## **Anexo 2.5: Future Places**

Pivot

Está de volta ao Porto o Festival Future Places. Até amanhã a cidade rende-se aos meios digitais e às diversas formas de comunicar. Uma oficina de guitarra conseguiu transformar a criatividade em som.

Peça:

Só havia um requisito: não saber tocar guitarra. Com mentes criativas as ideias surgiram. Cordas, sintonia e intuição musical. Uma forma diferente de explorar a comunicação.

«Sons»

=Vivo Ricardo Melo=

«Sons»

Cidadãos comuns empenhados e entregues a uma ideia de conjunto.

«Sons»

=Vivo Sérgio Rodrigues=

Com a ajuda de um instrutor os sons surgiram.

«Sons»

Tudo com pedras, colheres e cordas dentro de sacos.

=Vivo Heitor=

Uma forma de celebrar a criatividade própria e deixar de olhar para os grandes guitarristas.

=Vivo Heitor=

Um desafio criativo da cidadania perto dos *media* digitais. O objetivo do festival desde 2008. Este ano a oficina dos não guitarristas começou no ensaio à tarde e acabou à noite, num concerto.

## **Anexo 2.6: Pianista Valentina Lisitsa**

Pivot:

É um fenómeno mundial de popularidade na internet ao nível da música clássica. Conseguiu milhões de visualizações nos vídeos que colocou no Youtube. A pianista Valentina Lisitsa está em Portugal para dar o primeiro recital da solo, logo à noite na Casa da Música.

Peça:

Valentina Lisitsa queria ser jogadora de Xadrez. O destino trocou-lhe as peças e do piano fez vida. Uma carreira música promissora, sempre com profundidade emocional.

=Vivo Valentina Lisitsa=

A Casa da Música está esgotada. Pela primeira vez estreia o recital a solo em Portugal. É uma de entre as prestigiadas salas de concertos mundiais por onde a pianista já passou.

=Vivo Valentina Lisitsa=

Não é só no piano que Valentina Lisitsa mais se inspira. Tem mais de 80 milhões de visualizações no Youtube e mais de 50 mil assinantes na página oficial. Um fenómeno de popularidade. Uma aproximação das pessoas com a música clássica.

=Vivo Valentina Lisitsa=

É a primeira vez que a pianista Ucraniana está no Porto.



## **Anexo 2.7: Centro de Simulação**

Pivot:

Uma simulação dos serviços médicos, um reforço na formação dos estudantes de biomédica e profissionais. O novo Centro Biomédico pertence ao Instituto Abel Salazar e Centro Hospitalar do Porto. Robots em condições humanas imitam pacientes.

Peça:

Bloco operatório, sala de simulação de partos e uma ambulância. Tudo em pleno Centro Hospitalar do Porto e Instituto de Ciências Biomédicas. Um cenário pouco normal.

=Vivo de médico=

Robots são vida a pacientes em condições reais. Uma forma de melhorar o ensino dos profissionais e estudantes.

=Vivo de médico=

Esta é uma realidade virtual única com um custo de quinhentos mil euros. Só que com uma condição...

=Vivo de médico=

O Centro Biomédico de Simulação está aberto à população em cursos como o treino de partos em ambulâncias e suporte básico de vida.

### **Anexos 3.**

#### **Anexo 3.1: Greve dos Enfermeiros**

Pivot:

Hoje é o segundo dia em que os enfermeiros estão em greve. Entre os serviços mais afetados destacam-se cirurgias e consultas externas. Na maioria das unidades hospitalares não houve nem vacinação, nem curativos. O Sindicato dos Enfermeiros diz que a adesão é superior a 80%.

Peça:

No hospital de Santo António no Porto foram adiadas várias cirurgias. A adesão à greve afetou também os serviços externos de enfermagem.

=Vivo utente=

Já na Unidade de Saúde da Nova Via em Vila Nova de Gaia, a paralisação foi total. Cuidados de saúde como curativos não se efetuaram durante toda a manhã.

=Vivo utente=

Em Lisboa, no Hospital de Santa Maria, as cirurgias foram os serviços mais afetados. Os sindicatos estimam uma adesão à greve a rondar os 86%. No Centro de Saúde de Sete Rios, a adesão foi total. Os utentes reclamam, mas compreendem as razões dos profissionais.

=Vivo utente=

Nos hospitais de Universidade de Coimbra a adesão à greve foi elevada. Dos 39 enfermeiros escalados, apenas três vieram trabalhar. Várias cirurgias foram adiadas.

=Vivo utente=

Em Évora, a especialidade de oftalmologia foi a mais afetada. As 15 cirurgias previstas foram remarcadas. Em relação aos outros serviços, as opiniões dos utentes dividem-se.

=Vivo utente=

Em Bragança, de 25 enfermeiros, apenas três não fizeram greve. Nos hospitais algarvios a adesão rondou os 80%. São dois dias de greve. Os enfermeiros lutam pela dignidade profissional.

### **Anexo 3.2: Greve dos Funcionários Judiciais**

Pivot:

Os funcionários Judiciais estão em greve. Um dia marcado por tribunais a funcionais com os serviços mínimos ou mesmo parados. Numa luta por melhores condições de trabalho, a paralisação adia hoje julgamentos e diligências processuais. A adesão chegou aos 90%.

Peça:

No Porto, o tribunal de São João Novo trabalha hoje com 13 dos 60 funcionários. Decorre apenas um julgamento com 20 arguidos, processo cujo caracter é assegurado pelos serviços mínimos. Uma adesão que atinge os 78%.

Do Norte a Sul do País o cenário é idêntico com forte adesão ao pedido do Sindicato dos Funcionários Judiciais.

=Vivo Presidente do Sindicato de Lisboa=

=Vivo Presidente da Direção de Faro=

Apesar do pré aviso de greve, o Sindicato dos Funcionários Judiciais diz que estão a ser cometidas ilegalidades.

=Vivo Presidente da Direção Regional do Norte=

De entre as razões apontadas para a greve está a luta pelo aumento do número de oficiais de justiça e a abertura à promoção para todas as categorias. Mas destinada a uma comarca de cada vez no Continente e nas Ilhas.

### **Anexo 3.3: Escritaria**

Pivot:

Penafiel acolhe até domingo mais um festival literário e não ficam esquecidos os autores das edições anteriores. A Sétima edição da Escritaria trás novidades e este ano a autora Lúcia Jorge é a homenageada.

Peça:

Este é o ano de Lúcia Jorge. Pelos muros e passeios há palavras da escritora. Em cada canto respira-se literatura. Marcas de pensamentos que envolvem toda a população.

=Vivo Lúcia Jorge=

O Centro Histórico de Penafiel é o palco principal da Escritaria, onde há ilustrações por toda a parte. Sábado à noite é apresentado o último livro da escritora, intitulado “O Organistas”.

=Vivo Lúcia Jorge=

Lúcia Jorge vai ter uma frase nas paredes da cidade...hoje inaugurada junto à Câmara Municipal. Mas há outras novidades: também frases dos autores das edições anteriores estão presentes em Penafiel. Um roteiro rústico que não passa despercebido aos olhos de quem por ali passa e não só...

=Vivo Presidente da Câmara Municipal de Penafiel=

Um Mural construído no Parque do Sameiro com silhuetas dos escritores homenageados nos últimos seis anos.

=Vivo Presidente da Câmara Municipal de Penafiel=

Esta é uma forma de aproximar as pessoas à literatura com um programa variado até 5 de outubro.

### **Anexo 3.4: Festival de Francesinha**

Pivot:

É um prato tipicamente portuense e há para todos os gostos. Está na Baixa do Porto até 12 de outubro na 3ª edição do evento gastronómico “Francesinha na Baixa”. Pode-se contar ainda com cerveja artesanal, gelados e muita música.

Peça:

Dizem que para boa francesinha, molho saboroso basta. Mas uma bebida fresca ajuda muito mais. A cerveja artesanal é uma das especificidades do evento. Acompanha a francesinha e destaca-se pela diferença. Há de todos os tipos...da loira à morena.

E as perspetivas da francesinha cativar as pessoas é ainda maior este ano.

=Vivo Filipe Pereira=

Mas há francesinhas diferentes. Há quem troque a carne pelo grão e bacalhau. São demonstrações de cozinha ao vivo que começaram ontem ao jantar e se prolongam nos próximos dias.

=Vivo Chefe Hernani Hermida=

O ano passado a francesinha trouxe 18 mil pessoas para a provarem. Este ano reúne de novo cinco dos mais célebres restaurantes do Porto.

=Vivo Nuno Botelho=

Mas agora os chefes têm outro desafio...

=Vivo Nuno Botelho=

A entrada é gratuita durante a semana das 12 às 17 horas.

### **Anexo 3.5: Comissões**

Pivot:

Há bancos que estão a cobrar comissões aos clientes. As contas que não são devidamente encerradas e que não apresentem movimentações durante um período de tempo acumulam despesas de manutenção. À ADECO já chegaram várias queixas.

Peça:

Uma conta sem saldo e movimento tem despesas. As chamadas comissões de gestão e manutenção estão a indignar os clientes.

=Vivo Nuno Rico da DECO=

Bancos como o BPI, BES e BBVA são dos que estão a cobrar estas despesas aos clientes, que pensavam há ter contas encerradas.

=Vivo Nuno Rico da DECO=

Os custos variam, mas todos cobram para os clientes manterem as contas abertas.

=Vivo Nuno Rico da DECO=

A DECO aconselha os clientes para que quando não movimentarem as contas, a informação fique devidamente assinalada no banco para que no futuro não tenham de pagar despesas de manutenção.

### **Anexo 3.6: União de Freguesias**

Pivot:

Passou um ano da União de Freguesias, decretada pela reforma do Estado. Na época houve contestações por parte das que não se queriam juntar. Exemplos disso são Fão e Apúlia, em Esposende. E Guidões e Alvarelhos, na Trofa. A RTP foi saber como estão a funcionar estas freguesias.

Peça:

«Imagens de arquivo»

Autarquias e cidadãos não concordavam com a agregação de freguesias que de 4259 passaram a 3091. Uma manifestação em Lisboa mostrou esse desagrado. A reorganização administrativa do território tinha o objetivo de poupar despesas e serviços. Um ano depois, em Esposende, a União de Freguesias de Fão e Apúlia parece não causar grandes problemas. Os serviços permanecem nos dois lados.

=Vivo Luís Peixoto=

Houve a preocupação de minimizar o impacto que a reforma teve nas pessoas.

=Vivo Otilio Hipólito=

Mas há quem não renegue o amor à terra.

=Vivo Carlos Dias=

Na Trofa, a população de Guidões é obrigada a deslocar-se para a sede da Junta de Freguesia em Alvarelhos. Um problema que origina outras despesas.

=Vivo Atanagildo Lobo=

Uma mudança que ainda assim continua a não agradar a todos. Os habitantes mantêm-se preocupados, sobretudo no que toca ao que consideram ser as perdas das tradições da identidade.

### **Anexo 3.7: Morte em Esmoriz**

Pivot:

No início da manhã um homem morreu no concelho de Famalicão, num cenário de violência doméstica. No episódio estão mais dois feridos ligeiros, esposa e filha. O caso está a ser investigado pela polícia judiciária.

Peça:

Ainda não sabe ao certo o que originou a morte de um homem entre os 35 e os 40 anos na Freguesia de Esmoriz. O aviso foi dado pelas 8 horas manhã...

=Vivo Bombeiro=

Neste cenário estão mais duas vítimas, com ferimentos ligeiros...

Uma mulher e uma criança foram de imediato transportadas para o hospital de Famalicão.

=Vivo Bombeiro=

O caso está entregue à polícia judiciária do Porto.



### **Anexo 3.8: Economia não registada**

Pivot:

A economia nacional não registada está a aumentar. Um estudo da Faculdade de Economia do Porto aponta um acréscimo desde 2013. Entre as principais razões está o aumento da carga fiscal.

Peça:

Há um aumento significativo da economia não declarada desde os últimos anos. As causas são o aumento de impostos sob empresas e famílias. Assim como contribuições para a segurança social.

=Vivo professor da Faculdade de Economia=

Economia não registada é aquela que não é avaliada na contabilidade nacional. Acarreta problemas ao nível do PIB do país. O equivalente a seis orçamentos do Ministério da Saúde.

=Vivo professor da Faculdade de Economia=

Haveria mais crescimento económico positivo na ausência desta economia não declarada. O governo teria conseguido cumprir as metas dos 3% impostas pela comissão europeia. Mas isto se os 45 mil e 900 milhões de euros em falta entrassem nas contas do Estado.

=Vivo professor da Faculdade de Economia=

Dentro da economia paralela estão diferentes áreas. A pior é a ilegal relacionada com atividades como tráfico de droga, biscates ou prostituição. Depois há a economia informal como forma de sobrevivência: produção para uso próprio e produção subcoberta por deficiências da estatística.

=Vivo professor da Faculdade de Economia=

No combate à economia não registada está a educação civil sobre os seus efeitos no PIB Nacional e uma justiça rápida e eficaz. Embora seja um processo demorado e difícil.

=Vivo professor da Faculdade de Economia=

Os Estados Unidos da América estão no topo dos estados membros da OCDE que registam menos índice de economia não registada.

Ainda há muito a combater em Portugal, apesar das medidas propostas.

### **Anexo 3.9: Loja virtual**

Pivot:

É uma loja inteligente... Tem uma cabine mágica onde clientes experimentam peças de roupa virtualmente. “Loja do Futuro” é um projeto criado pela Universidade do Minho.

Peça:

Com os braços e o apoio de um assistente virtual começa a navegação pela loja. Este espelho mágico permite ao cliente ver-se com a peça de roupa que mais desejar.

=Vivo Nelson Alves=

Há ainda as prateleiras inteligentes e a Montra Interativa do lado de fora da loja. Um atrativo para clientes entrarem. É um catálogo interativo que deteta o perfil da pessoa e dá informações importantes ao dono da loja.

=Vivo Pedro Machado=

Ajuda a entender quais os movimentos das peças e que tipo de pessoas as procuram. Uma mais-valia para o negócio.

=Vivo subdiretor geral do CITEVE=

Dentro da loja há ainda uma cabine que traça as medidas do cliente para confeccionar uma peça personalizada.

### 3.10. Visita da Rainha de Espanha

Pivot:

A rainha de Espanha está hoje em Portugal. Veio encerrar o II Congresso Ibero-americano de Doenças Raras na Moita. A visita incluiu passagem pela Casa dos Marcos e termina no Museu Calouste Gulbenkian.

Peça:

A rainha chegou a Casa dos Marcos com o visível sorriso...E foi logo surpreendida.

Um gesto inesperado num ambiente que muito diz a Letizia Ortiz, que luta pela melhoria da qualidade de vida destas crianças.

=Vivo Letizia Ortiz=

Maria Cavaco Silva, madrinha da Associação Rarissimas, acompanhou a visita a um lugar onde nestas salas estão meninos com algumas das perturbações consideradas raras.

=Vivo Maria Cavaco Silva=

É a segunda visita de Letizia em Portugal. Agora com uma missão diferente, pois permite que se fale mais sobre este assunto. Na Europa estima-se que 30 milhões de cidadãos são afetados por doenças raras. Mas há falta de informação, debate e apoios sociais que consigam ajudar nestes casos.

=Vivo Letizia Ortiz=

Depois de uma visita relâmpago que não deu muito tempo para estar com as crianças, a rainha espanhola segue para o museu Calouste Gulbenkian em Lisboa.

